

BRASIL-PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1902

N.º 77



General ANTONIO ABRANCHES DE QUEIROZ

† em Lisboa a 21-3-1902

POLÍTICA INTERNACIONAL

Que se está passando actualmente na Rússia? E' esta a pergunta que em toda a imprensa europeia se repete, sem que jornal algum consiga dar-lhe resposta satisfactoria. Que a situação ali é grave, basta para indicá-lo a circunstancia de a censura não ter ousado interceptar alguns telegrammas, que davam conta de manifestações sediciosas até na propria capital. Mas a imprensa russa está tão amordaçada, e a vigilância na fronteira é tão grande, que não ha meio de a verdade transparecer, e de chegar até ao Occidente a noticia do que está occorrendo. Trata-se apenas de um simples movimento academico, como tantos outros, que periodicamente perturbam o imperio moscovita a normalidade da vida escolar? Parece que não. A acreditar no que se diz em certos jornais ingleses e allemães, trata-se nada menos do que de uma verdadeira insurreição, na qual o povo tem fraternizado com os estudantes, havendo-se dado verdadeiras batalhas, como em Kiew, em que os operarios do caminho de ferro e os trabalhadores dos barcos se uniram á mocidade universitária. Os disturbios não páram, antes se repetem. Ultimamente redobráram de intensidade com a publicação da nova lei escolar, promulgada pelo general Vanovski. De modo que a situação, que parecia ter melhorado depois da morte de Bogolepov e da nomeação do novo ministro de instrução publico, agravou-se repentinamente e ninguém sabe que desfecho virá a ter. O que é certo é que os tumultos estaláram successivamente em S. Petersburgo, em Moscovo, em Kiew, em Charkov e até na Siberia. Os mortos nos diversos recontros contam-se ás dezenas. Os feridos são ás centenas. As prisões regorgitam. As deportações não cessam na sua lugubre faina. E apesar de todo este rigor os amotinados, entre os quaes se contam numerosas mulheres, não se apasiguam e ao cabo de mais de quinze dias de feroz repressão conseguem organizar na propria capital uma enorme manifestação sediciosa, em que segundo os telegrammas ultimamente recebidos, milhares de pessoas correram as ruas entoando cânticos revolucionarios e desfilando bandeiras vermelhas de revolta. Para que no coração do imperio, na sede da corte, onde o governo dispõe de toda a pressão da força, seja possível uma manifestação d'esta ordem, é preciso que o movimento revolucionario tenha alastrado muito e lançado muito fundas raizes! A autocracia deve a estas horas estar muito doente na Rússia.

O que é, porém, e a que se refere a insurreição actual? Que ella representa mais do que um simples protesto academico, ninguém o duvida. Não só na Rússia as questões meramente escolares não existem, complicando-se sempre mais ou menos com reivindicações politicas e sociais; mas ainda no caso presente, e para mais lhe accentuar o caracter geral, tem fraternizado com os estudantes a população trabalhadora. E' o que dá ao actual movimento um aspecto da excepcional gravidade. Até agora, com effeito, todas as tentativas revolucionarias na Rússia foram obra das classes illudidas. Dahi os tumultos periodicos dos estudantes, como os representados na figura d'estas classes. O povo, porém, foi em todas as occasiões mero espectador indifferente ou sceptico. Não havia interesses communs entre pensadores e homens de trabalho, mesmo quando os primeiros se chamavam os *narodniks*, que pela sua propaganda preparavam a emancipação dos servos. Hoje as cousas mudaram, pelo que se vê. O povo já não assiste de braços cruzados ás luctas da mocidade escolar. Toma tambem parte n'ellas, tratando os estudantes o que até agora lhes tem faltado, — a adhesão das massas, que representa não só um acrescimo de força moral, mas tambem um respeitavel augmento de força material.

Nestas condições é evidente que, ou o governo russo muda de orientação e se resolve a transigir com as reclamações da opinião publica, decretando algumas medidas liberas, ou a era de um novo terror revolucionario vai recomear como o prologo da revolução, que é inevitavel. O assassinato de Bogolepov e a tentativa frustrada de homicidio contra Pobiedonostsev são symptoms de sobrejo eloquentes. O attentado injustificado e contraproducente, de que foi victima Alexandre II, servio de pretexto para a politica de reacção, que ferozmente governou a Rússia durante o reinado de Alexandre III. Supoz-se por um momento, apesar do seu discurso-manifesto ao cingir a coroa, que Nicolau II preferiria seguir a politica de Alexandre II, e preparar a nação para a constituição, que cada vez mais insistentemente ella reclama. E' sabido que Loris Melikov tinha conseguido que a monarchia assassinada assignasse o ukáz dando um regimen constitucional ao imperio, exactamente na véspera de morrer. Esse ukáz, conforme tambem se sabe, foi posto de parte por Alexandre III e não sequer chegou a ser publicado. As esperanças, porém, que se depositaram em Nicolau II depressa se converteram em amarga desillusão. Sob certos aspectos pôde dizer-se que o actual reinado é mais despotico ainda do que o reinado anterior. Assim a constituição da Finlândia, que o proprio Alexandre III respeitára, acaba de ser abolida por Nicolau II. A imprensa está mais amordaçada hoje do que nunca. Nem os melhores amigos do imperante, como o principe Ukhomski, escapam á ferocidade da censura. A *Peterburgskaia Viedomosti* foi condemnada a não se vender durante tres mezes pelas minas no animo fraco e irresoluto do tsar. Pobiedonostsev, o afamado e tristemente celebre procurador do Santo Synodo, continua omnipotente, inspirando medidas tão antipathicas e ridiculas como a da excommunição de Tolstoi. Por outro lado a reacção, que ada esta de dementada compressão provoca, estende-se até aos proprios membros da familia imperial. E' sabido como o granduque Constantino, presidente da Academia das Sciencias, se mostra partidario das idéas reformistas, e ninguém ignora que é da sua composição uma satyra, que circula manuscrita por todo o imperio, e na qual se ridiculariza Pobiedonostsev, a proposta de excommunição de Tolstoi. Intitula-se essa satyra: *As Pimbas victoriosas*.

Dada semelhante situação, pôde o presente estado de cousas con-

tinuar? Seria isso uma derrogação ás leis da historia, até hoje sem exemplo.

Os optimistas, que suppunham definitivamente liquidada a questão chinesa com a assignatura do protocolo, que regulava o pagamento da contribuição de guerra ás potencias, devem a estas horas estar bem desiludidos com o caminho que vão tomando outra vez as cousas no Celeste Imperio. Não que d'esta vez a corte tenha dado motivo, pelo menos ostensivamente, a quaisquer apprehensões. Pelo contrario. Até a imperatriz vivia, que no fim de contas é quem governa e quem proae, e a corte, se tem emmerado em encher de amabilidades os representantes estrangeiros. Deu audiênciaavelmente aos embaixadores; conversou na melhor disposição com todos elles; concedeu-lhe em receber as senhoras das legações; e ao despedir-se d'ellas entregou a cada uma e como recordação um presente. Passando por cima de todos os preceitos da etiqueta, sentou-se á mesa com os occidentaes, levantando brindes como qualquer filho da Europa, com grave escandalo, podemos bem suppor, dos austeros mans de Confucio. Se este conto de coisa nada mais se podia exigir, e embora forçada, a reconciliação parece completa.

Se o perigo, porém, está por este lado conjurado, renasce elle mais ameaçador em outras regiões, onde o odio ao estrangeiro continua a manter-se com a mesma intinsigancia, exacerbado ainda mais, se é possível, pelo procedimento das tropas internacionaes. Podemos estar certos de que cedo ou tarde as crueldades praticadas pelos europeos, sob pretexto de castigar os excessos commettidos pelos «boxers», hão de produzir os inevitaveis resultados. Aqui n'estas mesmas columnas o prophetisámo, quando esses horrores, que deshonraram a civilização occidental, estavam levantando a unanime reprovação de todas as consciencias rectas; e mais cedo até do que esperavamos os factos estão-se encarregando de nos darem razão.

As noticias do sul da China são cada vez mais inquietadoras. A revolta, que primitivamente se tinha limitado á provincia de Kuangsi, vae-se alastrando com extraordinaria intensidade e já se apasou de mais das provincias — a de Kuangtung e a de Yunnan. Conforme communicação official feita ao vice-rei de Cantão as tropas do general Su uniram-se aos rebeldes. O general Ma enviou a mandarim para combater os revoltosos, encontrou-se com elles perto de Tancheng. Na batalha, porém, que ali se travou e que durou dois dias, foi derrotada, vindo-se forçado a bater em retirada. Os rebeldes tomaram a cidade, assim como se apasaram igualmente de Kanchau. A' frente dos revoltosos encontra-se Hungming, parente do celebre Hungtschuen, antigo chefe dos Taipings.

Não pôde ser peor, pois, a perspectiva. E os por fraqueza da corte de Pekin, ou por occulta complicidade d'ella estão as potencias europeias de novo em frente de um movimento, que, se não for suffocado desde já, está destinado a ser causa de gravissimas complicações. Já se falla na necessidade de novas expedições. Mas quem as paga, suppondo mesmo que para mais alguma cousa ellas serviam, a não ser para excitar os chinezes e levar-os a maiores excessos? E' duvidoso se a China poderá liquidar a esmagadora indemnização da guerra, que acaba de lhe ser imposta. Pensar em arrancar-lhe mais dinheiro é loucura, que pôde custar cara á Europa. E se não é a China quem ha-de pagar as novas expedições, estarão as grandes potencias em situação financeira de sobrecarregar os seus orçamentos com novas e avultadas despesas para uma guerra longínqua? E' este um aspecto da questão, que convem não desatender. De mais as circumstancias politicas do extremo oriente não são as mesmas, que na occasião da insurreição dos «boxers». Desde então a posição das potencias variou muito, e o chamado concerto europeu foi substituido por outras combinações — Realisou-se o tratado anglo japonês, extendeo-se á questão chinesa a alliança franco russa, e produziu-se a aproximação franco italiana, que ha-de fatalmente levar a Italia a apoiar a politica russa na Manchuria e na Corea. Dada esta distribuição de allianças, o que será amanhã a posição das diferentes nações da Europa perante uma nova insurreição chinesa? Ninguém pôde prevel-o. E' o desconhecido com todos os seus sobralotes.

Ha tempo, que as chancellarias se preoccupam com a grave questão, de quem será o successor do actual papa, cujo fim, apesar de uma quasi milagrosa vitalidade, se aproxima a olhos vistos. Tem-se discutido as probabilidades dos diversos cardeaes *papabili*. Formulam-se hypotheses com relação ao resultado da eleição. E prevendo certas eventualidades os governos mais directamente interessados na escolha estudam a linha de conducta a seguir. E' certo, porém, que surge um inesperado incidente, que pôde transformar todos os calculos e trazer consigo as mais serias consequências.

Affirma-se que Leão XIII, inspirando-se nas necessidades da Igreja, cuja situação actual é bastante melindrosa, e usando de um direito, de que papa algum até agora usou, não ha duvida, mas que segundo certos theologos de direito canonico pertence sem contestação ao pontifice, nomeia o seu testamento a seu successor e que este em nome pharia da opposição, que lhe move o Sacro collegio. A noticia confirmar-se é de tal gravidade, que ninguém pôde prever os resultados de semelhante golpe d'estado, cuja responsabilidade perante a historia pesaria de um modo extranho sobre a memoria de Leão XIII. A *Gazeta de Colonia* discutindo ultimamente o caso, apresenta as opiniões a favor e contra, que entre os doutores em direito ecclesiastico vogam quando os sagrados textos e as exagatas da Curia a isso o authorisem? Um proximo futuro não o dirá. O que parece certo é que o cardinal Rampolla, feito pontifice no tal processo, vae a causa de um schisma na christandade, que de ha muito se prepara, e que decerto não perderia occasiao tão propicia para se manifestar.

O VINTE E SEIS DE FEVEREIRO A VICTOR HUGO

(Vozes do abismo)

Tudo é silencio. O estrepito dos hymnos
Que em rajadas vibrou.
Como um rasto d'accordes vespertinos
O vento o dissipou.

Desfizeram-se os canticos, as palmas
Dos virentes troços;
Que se elevou do abismo a voz das almas,
Rumor da voz de Deus!

Qual nune egreio em solio de montanhas,
Incensou-te o louvor...
N'um grito, quando sobe das entranhas,
Vem mais ondas d'amor.

Peitos que a enorme angustia dilacera,
Se um canto os povoua,
E' que em seu manto azul a primavera,
Sorrindo, os conchegou.

Ha muito, que, de longe, em doce fala,
Celeste voz nos diz:
— «Bemdito seas o pranto que resvala
«Nas faces do infeliz!»

Esse murmuro, que embrandece a magoa
Nos tristes corações,
Conforta; mas não basta um veio d'agua
Para extinguir vulcões.

Dos braços divinos da tua lyra
Fez estallar Jesus
A lagrima do ceo, que já cahira
Dos braços d'uma cruz.

Contra os maus, das olympicas alturas
Teu raio dardejou,
Mas ninguém sobre o horror das desventuras
Mais rosas desfolhou.

Nós sómos d'este mundo os desherdados,
Os que chorar só osam;
Sómos como o sarçal dos escampados
Em que as aves não posam.

Deixa que a voz das almas padecentes
Tu alma vá sandar,
Como se evolva aos astros reluzentes
O queixumê do mar.

A dôr é sombra; a sombra que se affoute
A erer na luz, poesia:
Da negra escuridão que envolve a noute
E' que se faz o dia!

Março — 1902.

E. A. VIDAL.



Cecil Rhodes

† no Cabo em março de 1902

CECIL RHODES

Cecil Rhodes, o nábabo inglês que acaba de expirar, foi uma alta individualidade, não só no mundo financeiro, mas no mundo politico. O seu papel está rigorosamente definido nas seguintes palavras frásantes do jornal londrino «Daily News»: — «Comparar Cecil Rhodes a Napoleão seria absurdo: mas o epigramma de Talleyrand ao saber a morte do imperador: «Não é um acontecimento, é uma novidade, applica-se perfeitamente ao Rhocrata que inspirou o «raid Jambon». De facto, Cecil Rhodes é um d'estes homens que apparecem, de longe a longe, para derubar os calculos dos politicos ordinarios e confundir as theorias dos que proclamam, alto e bom som, a equalidade dos homens. Apesar de todos os seus defeitos, elle ficou uma individualidade impressionante. Foi um verdadeiro «afrikander», e, ao reves do seu inimigo de Pretoria, um homem de estado e um diplomata. Foi igualmente um lidimo protelista da seita do imperialismo, que tem em Chamberlain o seu mais fogoso apostolo.

Propugnador incansavel da hegemonia inglesa, adorou loucamente a sua patria, que elle procurou tornar uma Inglaterra grande e poderosa, «the greatest Britannia». E o testamento de Cecil Rhodes é ainda a obra de um patriota excelso, porque consagra a sua fortuna ao desenvolvimento intellectual da nação e manda fundar escholas e universidades em todas as colonias do imperio.

Cecil Rhodes exhalou o ultimo suspiro n'um «coltage» de beira-mar em Muizenberg (Colônia do Cabo), victima de uma leida cardiaca. Celebraram-se funeraes solennes em sua honra e recebeu sepultura em plena Rhodesia, na arvia vermelha do deserto, no meio da solidão orgulhosa da sua conquista, arredado dos homens e das suas inseparaveis vaidades, no futuro caminho das raças, no coração d'essa Africa austral que elle tanto amou e onde foi dormir para sempre. E é em «Matapo hills», no centro do circo montanhoso em que Cecil Rhodes dominou a revolta dos malabates e salvou a Companhia «Chartered», que se ha de erguer o monumento ao opulentissimo e sagacissimo inglês.

Expansão Colonial

Ras considerações finais do nosso primeiro artigo deixámos entrever a possibilidade de uma luta economica e commercial entre os continentes europeu e americano, com todas as intransigencias do mais exagerado proteccionismo d'uma e outra parte.

Segundo informações do «Morning Leader» de Londres, as vozes de alarme, que puzeram em sobresalto a Europa adormecida, partiram dos grandes mercados da Austria-Hungria e, por intermedio do gabinete de Vienna, tiveram larga repercussão nas principaes chancellarias europeas, reguladoras da politica internacional. Como immediatas consequencias, surgira em todas imperiosa a necessidade de se prepararem para a grande luta, caso ella houvesse de travar-se, concentrando as suas forças, e conjugando os seus meliores elementos de resistencia para opporem a mais indissolvel união aduaneira e commercial de todos os Estados da Europa á esmagadora concorrência dos Estados Unidos da America.

Se consultarmos a estatistica aduaneira dos paizes da Europa, veremos, evidenciado por algarismos, o progressivo aumento de importação dos productos americanos, assumindo proporções na verdade assustadoras, e em taes condições facilmente se comprehende que esta pasmosa concorrência, auxiliada pelo aperfeiçoamento da industria americana em todos os ramos da actividade humana, e dispondo da maravilhosa pujança da sua navegação e commercio, venha a final, n'um futuro mais ou menos proximo, não só invadir o velho mundo, mas distendendo os seus tentáculos, como a enorme *pieuvre* que nos descreve Victor Hugo, pelas numerosas e vastas colonias europeas, supplantar em todos os mercados os productos nacionaes.

Como se vê, a luta existe de ha muito, mais ou menos intensa, denotando sempre manifesta tendencia para se agravar. Dahi sem duvida a imminencia do conflicto, a que se referiu a folha liberal londrina, parecendo-nos todavia que, antes de se romperem as hostilidades, haverá ainda um largo periodo de hesitações entre os governos responsaveis.

Quer esteja imminente a grande luta, quer não, o problema trazido á tela da discussão é sem duvida, na actualidade, da mais alta transcendencia politica e economica, e como a sua solução interessa sobretudo ao assumpto que nos preoccupa, torna-se indispensavel encaval-a sob os seus diversos aspectos.

Sómos, em principio, contra o regimen proteccionista que, sem contestação, é uma das principaes causas da decadencia das nossas colonias. Seja qual for a face do prisma pela qual se encare o proteccionismo, tem os factos mostrados até á evidencia que, a despeito dos especiosos argumentos com que os seus defensores pretendem justi-

ficar-lhe a adopção, são illusorias as vantagens do systema, em geral, e em especial na sua applicação ao commercio das colonias. Para o condemnar *in limine*, bastaria a circumstancia de que elle se destina principalmente a beneficiar uma insignificante minoria de productores, relativamente fallando, em prejuizo dos interesses da grande massa de consumidores, que, pelo livre cambio, pela liberdade das suas transações, poderia legitimamente aspirar a um consideravel melhoramento nas condições geraes da vida.

No seu livro «A Terra» diz o notavel publicista sr. Anselmo de Andrade que «as nações costumam empregar as pautas aduaneiras e os tratados de commercio como meios economicos, e tambem ás vezes como meios politicos», e para corroborar esta asserção acrescenta o erudito economista que «o plano dos tratados de commercio com todos os paizes da America, concebido e já iniciado pelos Estados Unidos, não é menos politico que economico, tendo por fim restringir gradualmente o commercio europeu no continente americano, e subalternar todos os Estados do sul e do centro á grande republica do norte.»

Succede, porém, que nem sempre tem sido bem comprehendido pelos governantes o pensamento politico que deve presidir á confecção das pautas aduaneiras, e á elaboração dos tratados de commercio. E, — o que é ainda peor, — nas mãos dos governos conservadores o protectionismo se converte em arma de combate, destinada a contrabalançar o effeito da iniciativa particular, e da prosperidade geral, sua legitima consequencia.

E' hoje uma verdade incontestavel que sem a iniciativa particular, bem orientada e largamente desenvolvida por meio de associações e companhias, agricolas e industriais, não ha paiz algum que possa prosperar. O que se vê, porém, é que, em logar da protecção que lhes é devida, como poderemos elementos que são da ordem e do progresso, quando ellas conseguem triumphar dos obstaculos que se opposerem á sua constituição, quando a final a acção beneficia d'estas associações entra a traduzir-se em factos que representam o bem estar dos associados, e da numerosa população de operarios e trabalhadores, aos quaes ella garante trabalho remunerado, entram estas associações a tornar-se suspeitas á myopia dos governantes, e a serem por elles consideradas como elementos perigosos de força em via de emancipação da tutela administrativa. E', como se vê, a eterna preocupação politica, sacrificando interesses valiosissimos, creados pelo trabalho, esquecida de que o mundo será um dia o que o trabalho o tiver feito, como o disse Zola na seguinte conceituosa phrase: —

«L'unique vérité est dans le travail, le monde sera un jour ce que le travail l'aura fait.»

Succede, porém, que os nossos melhores argumentos e os d'aquelles que em nome dos interesses do maior numero, combatem as ideias protectionistas em relação a este ou aquelle paiz, deixam de ser applicaveis ao caso de que se trata, cuja solução está subordinada á necessidade da mais poderosa concentração das forças productivas de todos os paizes da Europa para fazer frente ao inimigo commum. Ha pois, neste caso extraordinario e excepcional, uma razão de força maior que vem justificar a asserção generica de que não ha principios absolutos, nem doutrinas invariaveis. Assim, tambem não ha regras ou preceitos economicos que se não devam moldar ás circumstancias.

E como os extremos se tocam, succede que tornado extensivo o protectionismo a um consideravel grupo de estados, resultará *ipso facto* uma situação analogá á do livre cambio em todos os paizes que se submeterem a este regimen para se defenderem da concorrência americana, sem que seja permitido a nenhum isoladamente, nas relações da metropole com as suas colonias, apertar ainda mais as malhas da rede protectionista.

Pelo que respeita ás consequencias da luta, se ella se travar, nas actuaes condições dos mercados, com as suas imperiosas exigencias e necessidades imprescindiveis, é fóra de duvida que todas as probabilidades do triumpho são a favor dos Estados Unidos da America, ainda no caso d'um completo accordo entre os Estados da Europa.

Tem o velho mundo o seu campo de produção demasiado restricto, e cada vez mais reduzido pelo successivo esgotamento dos seus recursos naturaes. A esta circumstancia deve juntar-se a do augmento da sua população industrial, e a do aperfeiçoamento em todos os ramos da sua industria, que lhe tem creado um poder de trabalho colossal, em manifesta desproporção com as necessidades do seu consumo. D'ahi a necessidade imprescindivel em que se encontra a Europa de importar as materias primas, que as suas variadas industrias instantaneamente reclamam, e como immediata consequencia, a de procurar mercados de consumo para o excesso da sua produção. Em contraposição, a America do norte dispõe de vastissimos campos de exploração, incomparavelmente mais opulentos, e para se desentranharem da terra as suas riquezas naturaes serão precisos certamente seculos e seculos de incessante labutação. Se, por effeito da luta, afrouxar a sahida dos artigos da sua *over production* para os mercados da Europa, encontrarão estes productos, francamente abertos para os receber, em excellentes condições de preço, todos os mercados da America central, e sem duvida tambem os da America do sul, pois que á união aduaneira europeia se opporá fatalmente a união aduaneira americana, cimentada pelos apertados laços da doutrina de Monroe.

Se a Gran-Bretanha e a Russia entrarem na grande-liga aduaneira dos Estados da Europa, é a duvida que em primeiro logar nos acode ao espirito.

Com relação á primeira d'estas grandes potencias, se o nosso benévolo leitor nos quizer acompanhar n'uma vista de olhos pela historia contemporanea, poderemos facilmente certificar-nos de que a orientação politica e economica da Gran-Bretanha tem estado quasi sempre em manifesta opposição com os interesses das potencias continentaes.

Logo ao despostrar do ultimo seculo depara-se-nos nas paginas da historia a intervenção, menos bem succedida sem duvida, do gabinete de Londres, provocando com a mais condemnavel impericia a delicada questão dos neutros, que impelliu a Dinamarca, a Suecia, a Hespanha e a Russia a uma alliança com a França, cujas consequencias teriam sido fataes para a Inglaterra, se não sobreviesse a morte do Czar Paulo I, e a França se não visse obrigada pela força das circumstancias a abandonar a occupação do Egypto. Mas foi tal o abalo produzido na Inglaterra, tão imminente se afigurava a perda do prestigio britannico e seu poderio, que Pitt, então ministro, se viu compellido a deixar o poder, e Fox, seu successor, a assignar com o general Bonaparte a paz de Amiens; paz que restituía á França todas as suas colonias, e lhe reconhecia a immensa extensão territorial, tal como fora estabelecida pelo tratado de Lunévile, dando o Rheno como limite á França, e fazendo da Republica a primeira potencia continental.

O povo francez, pela sua parte, esse mesmo povo que arrastara a Bastilha e fizera a grande revolução de 1789, offerecia, treze annos depois, ao glorioso triumphador o Consulado vitalicio, que foi, como se sabe, o primeiro grande passo para elle assumir a corôa imperial. A 18 de maio de 1804, Napoleão recebia esta das mãos do Senado da França, e dois dias depois, offerecida pelos italianos, a corôa de ferro dos reis Lombardos.

Bonaparte então, ebrio de gloria, hajado pela sorte que o fizera senhor da França, julgou de si para consigo chegada a hora de se fazer tambem senhor do Mundo.

Se não fosse o desastre do almirante Villeneuve, que se deixou bloquear em Cadiz, talvez que Napoleão houvesse realisado o seu plano de desembarcar um exercito de 120.000 homens nas costas da Gran-Bretanha. Falhou o golpe, e em tão difficil conjunctura tornou-se-lhe impossivel organizar nova expedição, porque se lhe impunha já imperiosa a necessidade de reunir todas as suas forças para fazer frente á grande colligação armada de Austria e Russia, movidas pela Inglaterra, cuja habil politica consistiu em desviar a tempestade que se lhe afigurava imminente, desencadeando-a sobre as potencias continentaes.

Uma serie brilhante de gloriosas campanhas precedeu a memoravel batalha de Austerlitz, que determinou a capitulação de 100.000 homens do exercito austro russo, sob o commando dos imperadores Francisco José e Alexandre I, e teve como epilogo o tratado de Presburgo, que creou a confederação do Rheno sob o protectorado da França.

Na impossibilidade de disputar á Inglaterra o dominio dos mares, Napoleão, que fizera já a sua entrada triumphal nas principaes capitães da Europa, estabeleceu em 1806 o bloqueio continental, destinado a contrabalançar a acção dissolvante do poderio britannico. Tal foi o primeiro passo para a formação do grande imperio federal, constituido por todas as nações continentaes. Este pensamento gigantesco, precisamente á altura do immenso prestigio conquistado em cem batalhas pela Agua imperial, era simplesmente irrealizavel. A grande confederação dos Estados europeus estava de nascença condemnada a desaparecer pela força ineluctavel das circumstancias. Não podendo sobreviver ao prestigio do Homem que a realizara pela força, era fatal o seu esphacelamento, por falta da cohesão e da homogeneidade indispensaveis. Nenhuma das condições essenciaes de vida, nenhuma garantia de estabilidade a amparavam. Nem communnidade de raças nem communnidade de interesses.

Seria de certo da nossa parte uma pretensão injustificavel entreter o espirito do leitor com as nossas modestas referencias aos acontecimentos que encham as paginas mais brilhantes da historia da França, se não fosse a necessidade que tivemos de pôr em relevo a politica da Inglaterra, rememorando algumas particularidades de factos que são fastos da mais gloriosa epopeia do ultimo seculo, e que ainda se impõem á nossa admiração, arrebatando-nos a alma e fazendo-nos pulsar com violencia o coração alvorado.

Como se sabe, a Inglaterra entreteve e fomentou a conflagração geral de todas as nações vencidas pelo Imperio, e no momento psychologico, após a reunião de todos os soberanos no Congresso de Vienna, alliou-se a elles para abater o colosso. Coube a este celebre congresso a difficil missão de remodelar a carta da Europa consoante as conveniencias das quatro grandes potencias dirigentes. D'elle surgiu a Santa Alliança entre a Russia, a Austria e a Prussia, transformada a breve trecho em quadrupla alliança, pela adhesão da Inglaterra aos principios conservadores que o czar, o imperador da Austria e o rei da Prussia julgaram indispensavel adoptar para a

política geral da Europa, no proposito de annullar a obra da grande Revolução.

Baldado esforço. Acima da vontade dos soberanos está a vontade dos povos, e quando ella se manifesta imperiosa, vence todos os obstáculos, a despeito da resistencia que lhe possam oppôr todas as santas alianças, antigas e modernas.

Seria preciso, pois, cerrar os olhos á luz dos factos para não reconhecer o antagonismo de interesses entre a Inglaterra e as nações continentales da Europa, e que o objectivo principal da Inglaterra tem sido invariavelmente tirar o maximo proveito dos conflictos geraes, combatendo em todos os campos, pela diplomacia e pelas armas, as aspirações de engrandecimento, ainda as mais legitimas, d'esta ou d'aquella potencia continental.

Se a questão do Oriente se tem aggravado, se a sua solução se nos mostra cada vez mais melindrosa e difficil, a causa principal do facto é sem duvida a opposição tenaz da Inglaterra a qualquer accordo internacional que faculte á Russia accessão ao Mediterraneo. A Turquia deve a sua existencia, como nação autónoma, á simples circumstancia de ser a «inimiga geographica da Russia» segundo a phrase consagrada pela politica das nações.

Quando a França do primeiro imperio estava no apogeu da gloria, quando ella estendia as suas fronteiras desde as bocas do Elba até a Turquia, e podia até dizer-se que a Europa continental era a França, já então a Sublime Porta fazia o seu jogo politico, approximando-se ora da França, ora da Inglaterra, dizendo-se aliada do imperador enquanto Napoleão contava o czar entre os seus inimigos, e aliada da Inglaterra, quando a Russia, depois da paz de Tilsitt, sahia das fileiras da coligação para apoiar a politica franceza.

Foi em 1840 que a Turquia atravessou a sua crise mais aguda. Aggurava-se eminente a desmembramento do imperio ottomano, iniciada pela revolução da Grecia, que a breve trecho foi seguida da revolta da Servia e da insurreição de Mohamed-Ali, vice-rei do Egypto. Avidas de conquista até o imperio agonizante, as grandes potencias da Europa preparavam-se para entrar a quinhão na posse dos seus vastos territorios. Infelizmente porém para ellas, e para a Humanidade, que geme contristada ante a proverbial selvageria ottomana, a multiplicidade de exigencias e ambições inconciliaveis tornou impossivel a divisão de tão opulenta herança, tal como em nossos dias succede com a partilha do Celeste Imperio, por se opporem á sua realisação as mesmas causas *mutatis mutandis*, aggravadas pela circumstancia de ser o divisor mais numeroso, e portanto mais vasto o campo das ambições e intransigencias.

A Inglaterra, em 1854, aproveitando a constituição do segundo imperio, que obedecia ao pensamento de restabelecer o prestigio das gloriosas tradições de Bonaparte, alliou-se á França para apoiar a Turquia contra a Russia, na guerra da Criméa. D'esta lucta sangui-nenta, a que poz termo a tomada de Sebastopol, apos o memoravel cerco d'esta praça de guerra, que se prolongara por mais d'um anno, resultou o accordo firmado em 1856, no Congresso de Paris, pelo qual a Russia renunciava ao seu protectorado sobre os principados do Danubio, e consentia na neutralidade do mar Negro.

Era facil de prever que a Russia aproveitaria a primeira oportunidade para o restabelecimento do seu prestigio na peninsula Balcanica. Após a convenção de Paris, entrou ella a animar a propaganda do panslavismo, tendente a agrupar n'uma grande confederação todos os povos slavos, como se agruparam posteriormente os povos germanos e os povos italianos, como se agruparam os povos anglo-saxonicos e os povos latinos. A propaganda panslavista tinha por objectivo principal deixar entrever aos povos balcanicos a possibilidade de sacudirem o jugo da Turquia, e, alimentando-lhes esta esperança, fazia o jogo da Russia.

Logo em seguida á guerra franco-allema, em 1871, denunciou a Russia o tratado de Paris, readquirindo assim as vantagens da sua antiga situação, que a guerra da Criméa lhe fizera perder. A propaganda panslavista proseguia o seu trabalho de sapa, promovendo a agitação nas provincias balcanicas, e em 1876 a Bosnia, a Bulgaria e a Herzegovina revoltavam-se contra a Turquia; a Servia e o Montenegro julgando azada a occasião para a sua independencia, declaravam guerra á Porta. Sob o pretexto de grandes excessos, commettidos pelas tropas ottomanas, na repressão das provincias sublevadas, interveiu a Russia.

Regista a historia a heroica resistencia de Osman Pachá no cerco de Pélva contra as tropas do czar. Quando os russos estavam ás portas de Constantinopla, da grande cidade de Constantinopla, que é a chave do mar Negro, a porta do Oriente, a «capital do mundo», como a denominou Bonaparte, o sultão pediu a paz. Foi então que as grandes potencias da Europa, temendo exigencias successivas da Russia que lhe assegurassem preponderancia na resolução definitiva da questão do Oriente, entenderam dever intervir, e foi Disraeli, como primeiro ministro da Inglaterra, n'essa epoca, quem dirigiu ao gabinete de San Petersburgo a nota de ameaça d'uma conflagração

geral. Interveiu, como mediadora, a Allemanha, que auxiliara a Russia na revisão do tratado de Paris, mas precisando de acatular futuras contingencias e temidas rivalidades, mal podia conformar-se com o progressivo augmento do poderio moscovita.

No congresso de 1878, reunido em Berlin, ficaram definidas as fronteiras da Turquia nos Balkans, e regulada a situação politica das suas principais provincias, obtendo a Russia uma grande extensão territorial na Asia menor, a despeito da mais tenaz opposição, movida pela Inglaterra, que combate a todo o transe a influencia da Russia n'essa parte do mundo.

A Allemanha, intervindo como mediadora entre a Inglaterra e a Russia, mostrou claramente o seu proposito de preponderancia na politica europeia, realisando assim o grandioso pensamento de Bismarck que pela sciencia militar do primeiro estrategista do seculo, conde de Moltke, fizera da Allemanha uma potencia militar de primeira ordem.

Não tinha a Allemanha, n'essa epoca, ambições de dominio colonial. Foi sem duvida á poderosa iniciativa do seu actual Kaiser que o imperio allemão deveu a sua nova feição politica. Em lucta com as theorias socialistas, que em todo o imperio se propagam rapidas, calando no animo da grande massa do povo allemão, e sendo ao mesmo tempo obrigado a obtemperar ás mais exageradas exigencias dos agrarios, que reclamam medidas de excepcional protecção para a agricultura e commercio nacional, Guilherme II, nos vãos d'Agua da sua politica ambiciosa, mas sempre inspirada nos interesses do povo allemão, competendo de que a solução do grande problema economico da actualidade só poderia advir d'uma grande expansão colonial, poz todo o seu empenho em reorganizar a marinha allemã, como o primeiro imperador da Allemanha, seu avô, reorganizara o exercito.

O canal do mar do Norte ao Baltico, o augmento da sua marinha de guerra, e o septennio maritimo que, votado em 1898, foi considerado como o septennio militar iniciado em 1887, são factos que põem em evidencia a nova orientação da politica allemã: — a de representar na politica mundial o mesmo papel que desde 1870 a Allemanha se arrogara no concerto das nações da Europa.

C. DE SOUSA E FARO.

O general de divisão Antonio Abranches de Queiroz, antigo commandante das guardas municipais, foi um militar energico e disciplinado, um official que deixou uma brilhante e larga folha de serviços. Amigo pessoal da rei D. Carlos, o monarcha dispensou-lhe a sua amizade, porque reconhecia as apreciaveis qualidades do seu caracter pundonoroso e a energia inequívoca, de que deu muitas provas.

A sua morte foi muito sentida, não só no corpo que ultimamente commandava e entre os officiaes da casa militar de el-rei, — em cuja chefatura fora investido havia pouco tempo, — mas entre os seus numerosos amigos. O retrato que damos na primeira pagina da Revista é o ultimo que elle tirou, e este representando-o a cavallo é de um cliché feito nas Caldas da Rainha, quando elle era ainda coronel.



O CORONEL ANTONIO QUEIROZ A CAVALLO



TITO AUGUSTO DE CARVALHO

† em Lisboa a 21-3-1902

(O illustre jornalista que acaba de descer á sepultura com 61 annos de idade, foi das actividades mais proficuas á administração publico — porque era um verdadeiro modelo como funcionario. Trabalhador como raras, dividindo o seu tempo entre os trabalhos da repartição que tinha á seu cargo no Ministerio da Marinha — a dos caminhos de ferro ultramarinos — e os seus estudos coloniaes, dedicando-se ainda a redigir o "Economista", hoje semanario, a escrever memorias para a Sociedade de Geographia á qual lega inedito um trabalho importantissimo sobre as grandes companhias colonias, e a representar o Estado junto da Companhia de Moçambique, Tito de Carvalho sempre tão distincto, e sempre tambem tão triste, com essa tristeza inequalavel que dá a morte do filho unico, em plena e ridente mocidade, foi deputado ás cortes em varias legislaturas.

Se a sua vida foi um exemplo de trabalho, a sua morte foi um exemplo de isenção pessoal. Morre, tendo occupado tantos logares e tendo prestado como funcionario e publicista tantos serviços ao seu paiz, sem ter sido nunca o que de recto hoje quasi toda a gente é — conselheiro. Nem sequer uma commenda! Chega a ser immodesto... pela raridade.

Dr. Augusto Braz de Sousa



APRESENTAMOS hoje aos nossos leitores o retrato de um honrado Português, que a 23 de fevereiro do corrente anno falleceu em Zanzibar, victima de uma cruel pneumonia, que em poucos dias o arrebatou aos carinhos da sua extrema familia e a amizade dos seus numerosos admiradores.

O dr. Sousa nasceu a 19 de fevereiro de 1852 na India portugueza, e aos 18 annos de idade matriculava-se no curso de medicina Grant de Bombaim, seguindo o curso especial de serviço medico Indiano que terminou com distincção em 1874, sendo então nomeado cirurgião ajudante no hospital militar de Europeus em Colabo. Em pouco tempo conseguiu ter bastante clinica particular, e não lhe chegando o tempo para todo, resignou em 1878 as suas funções officiaes e entregou-se exclusivamente ao serviço do publico, obtendo a breve trachão grande fama e experiencia; durante essa sua clinica achou-se em contacto com muitos patricios seus que vinham de Zanzibar, e facilmente os convenceram a que fosse estabelecer-se ali, o que elle fez em 1881.

Foi sobretudo n'essa terra que, durante mais de vinte annos, o nosso desditoso amigo consolidou uma enorme reputação medica, não só entre seus numerosos patricios, mas também entre os arabes e entre os membros da colonia estrangeira de europeus. O dr. Sousa foi medico assistente e particular amigo de S. A. o Sultão Sayid Burghah de quem recebeu os maiores extremos de amizade, de quem tinha toda a confiança e que lhe dispensou as mais elevadas distincções honorificas.

Em novembro de 1885 foi o nosso sympathico amigo nomeado vice-consul de Portugal, e como reconhecimento por serviços prestados ao seu paiz n'esse cargo, foi em novembro de 1892 nomeado consul geral, logar que exerceu com brilho excepcional e sempre com honra e inextinguível desinteresse até fevereiro de 1894.

O dr. Augusto Braz de Sousa foi o primeiro delegado nomeado pelo governo, d'accordo com as conclusões internacionaes da conferencia de Bruxellas de 1900, para a commissão anti-escravista em Zanzibar. A maneira intelligente, patriótica, humanitaria e digna como elle em tudo se houve no desempenho das suas difficeis funções sempre lhe granjeou o respeito publico e a consideração do principe junto do qual estava acreditado; é por isso que ao passo que o nosso governo lhe conferiu o grau de cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, o sultão agradeceu o com a grã-cruz da Ordem da Estrella Brilhante. O dr. Sousa era também socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa, e exerceu durante algum tempo e sempre com o maximo escrupulo e correção as funções de agente da Mala Real Portuguesa.

Todos os navios de guerra que vão para Moçambique ou que de lá regressam pelo Canal de Suez fazem escala em Zanzibar; e por isso todos os commandantes e officiaes que por ali teem passado, e a maioria dos passageiros da Mala Real que tocaram n'aquella forma illa, foram em geral recebidos e tratados bizarramente pelo nosso representante consular cuja casa hospitaleira estava sempre aberta para recebê-los a todos com a mais cordial fraternidade.

O nosso mallogrado amigo deixa uma inconsolavel e dignissima viuva, senhora de alta illustração e raras qualidades, e dez filhos em idade em que o amparo paterno mais falta faz geralmente; infelizmente não lhes deixa meios de fortuna, mas deixa-lhes apenas um nome honrado e sem macula.

Foi Portugal o paiz europeu que primeiro sulcou com os seus navios os mares todos do globo, que avassalou povos selvagens e que plantou a sua gloriosa bandeira em terras incognitas que foram constituindo um prolongamento da patria. Foi Portugal também o paiz que mais longe foi no caminho da civilisação, dando a todos os seus filhos, quer da metropole quer dos paizes conquistados, as mesmas regalias, as mesmas aspirações. Perante as leis portuguezas não havia a minima distincção para qualquer subdito da coroa portugueza: todos foram sempre tratados igualmente e

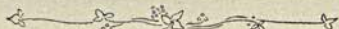
todos podiam subir aos mais altos cargos da administração publica. E' assim que temos visto filhos de S. Thomé, d'Angola, de Moçambique, da India e da China exercendo as funções de officiaes do exercito e da armada, padres, medicos, professores das escolas superiores, e até ministros de estado. Essa nossa generosa e bem comprehendida tolerancia, que elevava até nós os filhos das colonias e que equalava entre si todos os Portuguezes, era uma das nossas maiores glorias e uma prova evidente do bem que tínhamos sabido comprehender os dictames civilisadores e nobilissimos do christianismo.

Pois ha uns annos a esta parte parece que temos recuado nessa vereda do progresso e que vamos estabelecendo distincções de racas, que, por isso mesmo que não são baseadas em principios de austera justiça, se tornam odiosas e antipathicas. E se essas selecções são em absoluto condemnaveis e não podem ser defendidas ou explicadas perante as leis da monarchia, mais vis se tornam ainda por virem improvistamente cortar intempetivamente carreiras de funcionarios dignissimos que foram iniciadas ao abrigo de leis liberas e contando elles com a sua observancia rigorosissima por parte dos poderes publicos.

Não citaremos aqui outros exemplos frisantissimos d'esta moderna jurisprudencia mesquinha e d'esta sophistica maneira de semear malquerencias indispõendo entre si varios individuos dentro de uma mesma classe de servidores publicos. Diremos apenas que, pelo que diz respeito ao nosso desditoso e chorado amigo dr. Augusto Braz de Sousa, cremos que muito terá concorrido para a maneira rude como elle foi dispensado das suas funções consulares em Zanzibar, o ter elle nascido em Goa. O dr. Sousa estava exercendo com superior desassombro e patriotismo as suas funções de consul e estava com inextinguível zelo defendendo os interesses da nossa colonia, a mais numerosa de todas as estrangeiras n'aquelle paiz; estava resistindo com fôrça ás bem urdidas intrigas de astutos missionarios de outra potencia que viam na legitima acção do consul portuguez um possivel enfraquecimento do seu prestigio espirital e o consequente deffinhamento da sua influencia e prerogativas. Mas como essa attitude nobre e resoluta do funcionario portuguez não convinha ás prosapias dos outros, metteram-se as exigencias diplomaticas em jogo e o consul portuguez foi sacrificado.

Não é agora occasião propria para cantarmos ao publico os revoltantes pormenores de toda esta espantosa questão; é possível que o façamos ainda em outro logar; diremos apenas que se o dr. Augusto Braz de Sousa foi seccamente tratado pelo nosso governo e posto de parte sem a minima fôrma de cortezia, está ainda vivo quem conheceo todo o seu procedimento e quem sabe cá de longe e no meio das acerbas saudades em que não irreparavel perda nos lançou, fazer justiça ao seu honrado caracter e levantar um brado de indignação pela maneira como neste caso o governo portuguez tratou um seu irreprehensivel e exemplar servidor.

AGOSTO DE CASTILHO.



Eterna aspiração

Deixa o homem voar seu pensamento
E de illusão em illusão saltando,
De caprichos, desejos, vae formando
Universos sem fim... raro portento!

Tal sua aspiração, que, em um momento,
Triumphos adquiridos desdenhando,
Do ignoto e abstracto vae forjando
Mil cadeias de dôr ao sentimento!

No ceu seguindo mysteriosa estrella,
Surdo á voz da razão que accorda e grita,
A's illusões se entrega sem cautella;

E n'esse eterno afan que o impelle e incita,
Faz um mundo do átomo que anela,
E um átomo do mundo em que palpita.

Rio de Janeiro

LEVY BENSARAT.



na Zaza

Artistas portuguezes NO BRASIL



na Lagartixa

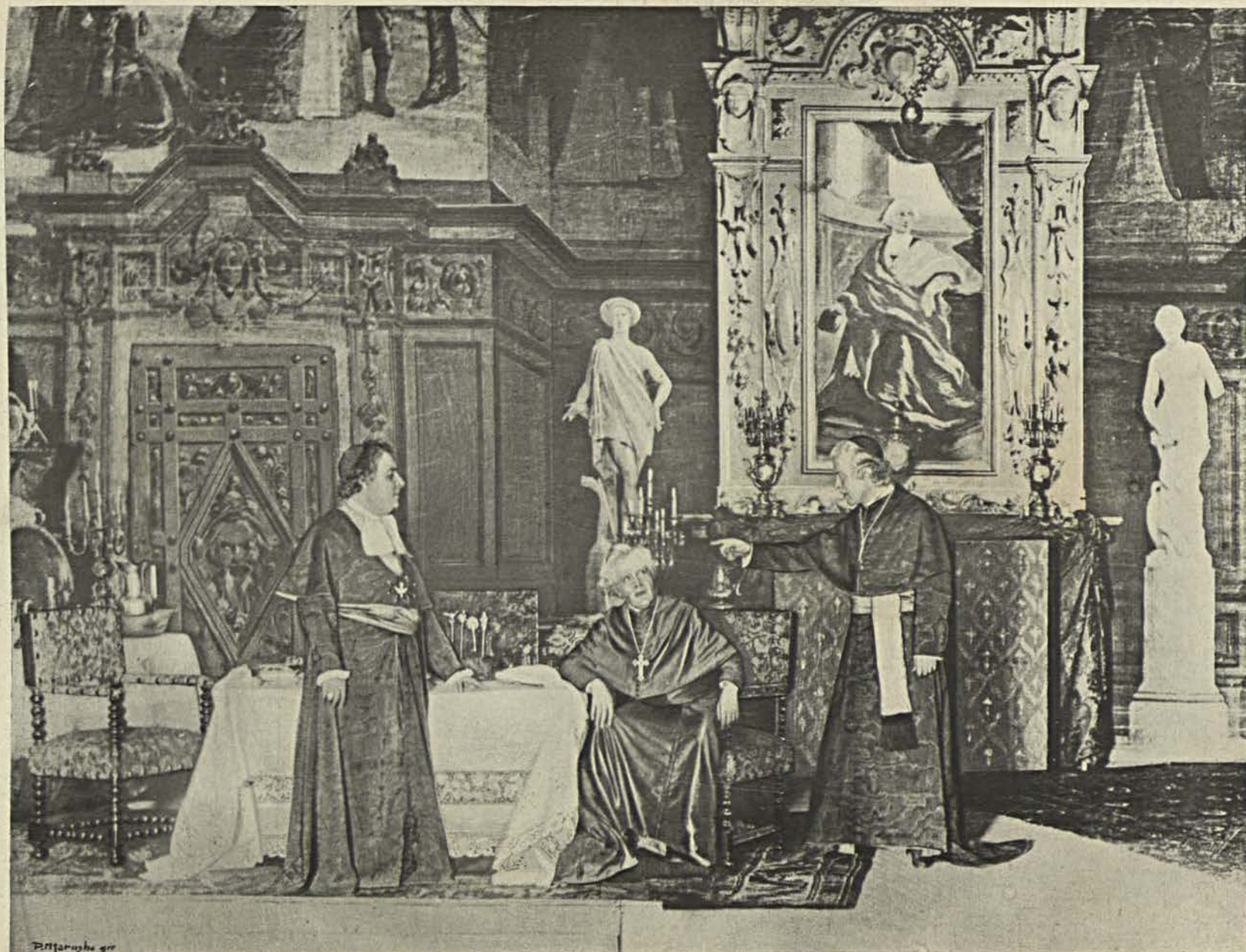


ANGELA PINTO

(a estrella da companhia dramatica que parte em Maio para o Rio de Janeiro)



A CEIA DOS CARDEAES



Elle foi de nós tres o unico que amou

AUGUSTO ROSA
Cardeal Montmorency

JOÃO ROSA
Cardeal Gonzaga

EDUARDO BRAZÃO
Cardeal Rufo

A CEIA DOS CARDEAES



1880A acaba de experimentar um regalo intellectual mais refinado, dos mais delicados e puros que podem dar-se no campo da arte.

A *Ceia dos Cardeaes* é uma pequenina obra prima, é um acto em verso, alexandrinos primorosos, de um rythmo suavissimo, de uma correção parnasiana, e de um colorido pujante, em que as meias tintas estão dispostas com uma arte superior, e as imagens ressaltam espontaneas, dando um relevo encantador a idéa poetica que atravessa toda essa singelissima acção.

Como obra litteraria é indiscutivel o sabido valor de *A Ceia dos Cardeaes*; como trabalho de theatro, não tem espaço para os requisitos indispensaveis a uma obra em que possam ser apreciadas as difficuldades scenicas, que o auctor tenha vencido, as qualidades de escriptor dramatico em que elle possa revelar-se. Porque a escolha do assumpto, a idéa de symbolisar e synthetisar em tres figuras o amor, tal como elle é comprehendido e sentido em tres paizes diversos, pertence ao campo exclusivamente litterario, e só a acção e a forma de a tratar lhe podem dar vida de drama ou de comedia, condições theatraes, enfim.

N'este campo, portanto, não ha que exercer apreciação, que toda, deve recahir no valor litterario e poetico da obra. E esse, não ha a menor duvida, é grande, é incontestavel. O sr. Julio Dan-

dos já á mesa n'uma bella sala do Vaticano, começam a saborear um appetitoso faisão, tudo isto explica o pleno exito obtido em toda a linha por este sensacional espectáculo.

Os papeis dos velhos cardeaes não podiam ter melhor destino. Caracterisções, interpretações magnificas. Eduardo Brazão dá o cardeal hespanhol com todos os seus exaggeros, as suas arrojadadas e comicas hyperboles, e funda n'essa figura de velho de 73 annos todo a raça hespanhola, todo o amor cavalheiresco e epico d'essa nação tão dada ás aventuras romanesecas como aos amores exaltados. Fez com brilho e com a emphase propria todo esse cardeal hespanhol, e deu intenção e relevo aos versos que Julio Dantas põe na sua bocca.

Augusto Rosa é a galanteria, a finura, a synthese de toda a raça gauleza, ao recordar-se dos amores da mocidade. Não ha conceitos mais finos, phrases mais parisienses, imagens mais proprias e suggestivas que as d'esse cardeal francez, um Montmorency *pur sang*, que se levanta da mesa e vai recordar no cravo uma aventura da sua mocidade bella e galante.

Augusto Rosa poz bem em evidencia essa individualidade de cardeal por assim dizer *fin de siècle*, e tanto o seu trabalho como o de Brazão são coroados com palmas que durante longo tempo ecoam na sala.

Resta falar de João Rosa, o ultimo na ordem que seguimos, mas talvez o primeiro na verdade, na nobreza, com que desempenhou



O scenario da peça

tas é acima de tudo um lyrico. Se, lendo os seus antigos versos em que elle se preoccupa sempre em reproduzir o sentir de outros seculos, n'uma forma, e n'uma linguagem, que d'elles tem muito mais que da nossa, se, passando em revista os seus trabalhos de theatro, em que as exigencias da scena, sendo torturantes para todo aquelle que não nasça dramaturgo, abafam por vezes a inspiração e afogam o estro, alguém possesse duvidar das suas nativas qualidades de poeta lyrico, ali tinha *A Ceia dos Cardeaes* a provar-lhe que elle o era acima de todo. Abi tinha esses admiraveis versos que encantaram os nossos ouvidos, e muitos dos quaes Hostand poderia ter firmado, a demonstrarem que em Julio Dantas é o poeta que triumphou.

Tem sido grande o exito de *A Ceia dos Cardeaes*, não ha duvida, pode mesmo asseverar-se que ha muito se não vêem enthusiasmos tão calorosos e espontaneos como aquelles que, principalmente na primeira noite, acolheram a peça e o auctor; mas tambem a verdade manda dizer que o desempenho e a *mise-en-scene* tiveram notavel parte n'esse resultado.

A baixella de prata sobre o apparador, o lindo cravo allemão, do lado opposto da sala, as pinturas das paredes imitando Arrhas, e as libré dos creados e as suas attitudes humildeis, todo o conjunto realisado pelas figuras dos tres velhos cardeaes, que senta-

o cardeal portuguez. Conta o seu amor dos quinze annos, primeiro e unico, e conta o com tal emoção, e essa transmite-se por tal forma ao publico, e as lagrimas que chora parecem tão espontaneas e sinceras, que toda a sala se deixa attrahir pela figura bondosa e sympathica d'esse velho de 83 annos, o mais velho dos cardeaes do D. Amelia.

Quando elle acaba de dizer os seus excellentes versos, diz o cardeal hespanhol, com a mão suspensa sobre a sua cabeça, o esplen-dido verso que remata a comedia

Elle foi de nós tres o unico que amou.

o panno, cae vagarosamente, e o publico recolhe a casa, cheio de uma gratissima saudade por essa pequenina obra, e de um incondicional reconhecimento por aquelle que a produziu e lhe proporcionou noites de um irresistivel encanto intellectual.

JAYME VICTOR.



A Ceia dos Cardeaes

Uma scena da peça

CARDEAL DE MONTMORENCY

Tinha espirito... — Enfim, o amor, pensando bem, Não é só a bravura, é o espirito também, Essa força subtil e tenuissima quasi, Que é a alma do gesto e a nobreza da phrase. Qualquer coisa de fino e flexuoso e ardente, Que nos faz ajoelhar, irreflexivamente, Perturba, vence, infiltra e mal afflora á bocca, Veste de seda e ouro a confissão mais louca... Que seria o amor sem espirito, Eminencia? Uma paixão brutal ou uma impertinencia, Sem pureza, sem tudo aquillo que resume O coração n'um beijo e a alma n'um perfume! Com uns punhos de renda, até a offensa é linda! Póde ser fina a espada; a phrase é mais ainda! Uma escória subtil de esgrima delicada... Procura o coração a phrase, como a espada, E desfaça-se, ao ferir, em pedras preciosas, Como os raios de sol, quando fêrem as rosas... Se ao homem vence a espada, e se é bello vencer, O espirito faz mais, — porque vence a mulher! No meu tempo, no tempo em que amei e vivi, Foi o que inda hoje são os Montmorency. O grande espirituoso, o leão da nobreza Cabelleira em annos e glória e Genoveza, Passeando, todo em seda, orgulhoso e solemne, Pelas salas feudais da duquesa de Maine. Ah! Como já vae longe esse tempo d'amor! Como vae longe! — Um dia, o velho Philidor Tocava sobre o cravo um lindo minuete, Um mimo, o que ha de mais século XVII...

Querendo recordar-se, e cantando

La-ri, la-ra, la-ri...

Suspendendo, tristemente

Tudo passa!

Já não me lembro bem

Tentando de novo recordar-se

La-ri, la... — N'esse instante, alguém, Uma linda mulher que eu já tinha encontrado Nas ruas de Versailles, em seu cêche dourado, A Embaixatriz d'Austria, uma deusa, um assombro, Poisou, n'um gesto lindo, a mão sobre o meu hombro E disse, n'uma voz desdenhosa: "Marquez, Detesto-o... Sorri. N'isto, segunda vez: "Aborreço-o... Ri ainda. Ah, Eminencias! Uma mulher bonita a dizer insolencias E a coisa mais galante e mais delicada Que pôde imaginar-se. E' como se uma rosa Soltasse imprecações, vermelha e melindrada, Contra as azas de sol d'uma abelha dourada... N'isto, terceira vez: "Marquez, tenho-lhe horror, Já não ri. Junto ao cravo, o velho Philidor Tocava o seu minuete ingénuo e palaciano...

Querendo ainda lembrar-se

La-ri, la-ra, la... Não... Lá-ri...

N'uma grande expressão dolorosa

Ha já tanto anno!

Não me lembro... A velhice!

Vendo, de repente, o velho cravo fradesco, e arguendo-se

Ah, talvez, sim... Talvez

O consiga tirar n'este cravo hollandes

Perdendo as telas com a mão esquerda, de pé, e continuando a falar para os dois cardeaes enquanto vai tocando

La-ri, la-ra... — Então, decidi-me, Eminencias. Compuz a cabelleira, e em duas reverencias, O pé atraz, a mão na espada, á moda antiga, Curvei-me ante essa linda e fidalga inimiga, E disse: "A sua mão. Venha, minha senhora... Não me detestará d'aqui a meia hora... Dançamos o minuete. Ella — era singular! — Dava-me a impressão d'uma renda a dançar, Uma renda ligeira, um Saxe transparente, Onde se iam poisar, perturbadoramente, Como um enxame d'ouro, espirituoso e leve, Desde a breve ironia ao epigramma breve,

A phrase á Marivaux, ardente e complicada, O eterno quasi tudo, — apenas quasi nada, O espirito-mesura, o sorriso-eloquencia...

Ao CARDEAL RUFO, que está mais proximo

Não sei, precisamente, o que disse, Eminencia, Mas devia ter sido um requinte de graça, Galanteio que vda ou perfume que passa, Poema todo em rosa, apaixonado e brando, Que nos dá a illusão de que se diz sonhando, Eloquencia d'amor que perturba a mulher, E vence quando ajoelha, e beija quando fere! La-ri, la... Terminou o minuete, por fim. Meia hora depois, nas sombras do jardim, A Embaixatriz d'Austria, apaixonada, louca, Unindo á minha bocca a pequenina bocca, Dizia-me a sorrir: "Como o adoro, marquez! — O espirito vencera ainda mais uma vez! E enquanto Philidor, junto ao cravo...

Tocando, á procura n'um desespero

La-ri, ra...

Não sei...

Depois, n'uma explosão subita d'allegria, sentando-se ao cravo, a tocar

O minuete! Achei! Achei! Achei!

La-ri-ra, la-ri-ra, la-ra...

CARDEAL RUFO, erguendo-se e aproximando-se do CARDEAL DE MONTMORENCY

Vossa Eminencia
Perdô-me, talvez, mais uma impertinencia...

CARDEAL DE MONTMORENCY, levantando-se do cravo

Era lindo, o minuete!

JULIO DANTAS

Coronel Moura



O coronel João Gonçalves de Moura, nasceu na cidade de Cametá (Estado do Pará-Brasil) a 14 de abril de 1836. Aos 17 annos sentou praça no 4.º batalhão de artilharia e, ainda como sargento, seguiu para o Rio de Janeiro onde se matricou na Escola Militar em 1854; foi promovido a alferes em 1848, sendo aprovado em todas as materias do curso de Armas de artilharia e infantaria. Por occisao da guerra contra a Republica Oriental, seguiu para Montevideo, sendo promovido a tenente em 1854. Por occisao da guerra com o Paraguay, em 1865, seguiu para o Rio da Prata acompanhando o 11.º batalhão de infantaria. Ahí tomou parte nas mais memoraveis batalhas e combates. Na batalha de 24 de maio foi o seu nome rememorado entre os dois mais bravos.

Era official e cavalleiro da Ordem da Rosa, cavalleiro da de Avis e de Christo, tinha medalha de bravura com passador de ouro, e as medalhas das campanhas do Uruguay e do Paraguay, concedidas pelo Brasil, Estado Oriental e Republica Argentina. Em 1884 reformou-se em tenente coronel, commandando entao varias fortalezas do país. Em 1885 o marechal Floriano concedeu-lhe as honras de coronel.

Em 21 de abril de 1901 expirou o valente militar no Pará.

O retrato que publicamos é copia de uma tela de Romenico de Angéles.

As obras de Castilho



TRISTE o inverno do anno, mas tem consigo, a mitigar-lhe tristezas, a sorridente promessa do proximo reffor da primavera. Assim a tivesse o inverno da vida, em que não ha lampeio de esperanças, em que não ha reffor que não seja de saudades e de recordações!

E esta ancisa e chimera de rejuvenescer, de tornar á primavera da existencia, este sonho, que se synthetisa na lenda do Dr. Fausto, a mim me está parecendo que muito mais tem por objectivo os gossos immateriaes do espirito do que as phantasias impossiveis do amor, e que a Margarida e o symbolo materializado de todos quantos deleites nos reerearam a imaginação pelos annos volvidos, e que aspiramos a gosar de novo.

Pelo que me diz respeito, confesso que a minha Margarida está sendo a litteratura, que amei do fundo d'alma, aos alegres dezoito annos da minha idade, as obras primas dos nossos grandes e gossos immateriaes do segundo quartel de sculo findo, e que as procurei com fervor e enthusiasmo agora, não na kernesse da lenda allenná, mas... nas lojas de livros velhos; e se, para lograr estes amores, não tive de dar a alma ao diabo, fiquei-me em dar alguns testões de nickel aos alfarrabistas, que, umas vezes por outras, têm também sem tanto ou quanto de mephistophelico. Ás vezes, só ás vezes!

A valiosa collecção quasi completa das obras de Garrett a recebi, como apreciavel brinde de amizade, dos fillos do meu saudoso amigo Pinheiro Chagas, que com o nome gloriosissimo herdaram o distinguirme com muito affecto e estima, vindo em socorro da minha fome e sede de remoeçar, pela leitura dos auctores predilectos da minha mocidade.

A obra litteraria de A. Herculano a fui adquirindo a pouco e pouco, quando-me me atterado diante da enorme quantidade de volumes com o uniforme, monotonico e pouco attraente titulo de *Opusculos*, a enriquecerem a recentissima edição, mas a difficularem-lhe a posse.

Mas de Castilho? mas do terceiro vulto d'essa trindade gloriosa, que conglobou em si a religião litteraria do começo e seguimento do sculo XIX?

E digo terceiro vulto, só porque aos dois outros me referi primeiro; pois entre os tres não ha ordem numerica, nem gradação de merito. Nenhum é maior, nem menor, nem sequer igual aos outros.

São tres individualidades inconfundiveis, incomparaveis: cada um grande por si, todos enormes pela coincidência do acaso, que os fez brilhar simultaneamente no cen da nossa brilhante litteratura.

E de Castilho?

Enquanto se reimprimem as obras completas de Herculano e de Garrett, enquanto em todas as livrarias se encontram á venda os volumes de qualquer d'elles, desde os mais interessantes e sublimes, até aos que as circumstancias de tempo fizeram envelhecer e cair no desalinho e no abandono das leituras, desde as que se encontram em todas as livrarias dos mais ou menos illustrados, até ás que só têm leitores em quem deseje formar juizo completo de um talento por todas as suas multiplices manifestações; enquanto se facilita a leitura d'estes dois grandiosos escriptores, valiosa e interessante parte das obras de Castilho está esgotada, sem haver esperanças de que seja reimpressa; e só a custo se apanha, entre alfarrabios, algum volume, impresso no celebre papel pardo, que era a gloria da nossa typographia até por 1826 até 1840.

Aquella preciosa traducção dos cinco primeiros livros das *Metamorphoses*, e a *Pharsisa*, é rarissima, o encantador volume das cartas de *Echo* e *Narciso* não é mais frequente no mercado, os ridentes poemetas que constituem a *Primavera* são outra raridade, todos só achados, depois de laboriosa pesquisa, e todos com papel e impressão de fugaz leituras. Os *Amores*, de Ovidio, não se encontram, nem novos nem velhos, a *Arte de amar* e *Remedio d'Amor*, nunca os vi sequer, e as *Excavações poeticas* são tão raras que, depois de muitas diligencias, só conseguí alcançal-as, mercê da generosa offerta de um commerciante de livros usados, sabendo que os raros exemplares, apparecidos á venda n'um dia, desaparecem logo no immediato, vendidos a peso, não direi de ouro, mas muito seguramente de vintens.

E tal é a penuria que muitos livreiros confundem as *Metamorphoses* e os *Amores*, com os *Fastos*, allias mais vulgares, acabando por confessar o seu completo desconhecimento d'aquellas traducções, bem como da *Arte de Amar* e *Remedio de Amor*; e um honre que, pretendendo referir-se ás *Excavações poeticas*, commettou o sacrilegio de lhes chamar *Excavações poeticas*!

Os *Amores* tenho-os e guardo-os com uma preciosidade, pois têm a dedicatória do proprio Castilho a Pinheiro Chagas, e da familia d'este, depois da sua morte, a mim, que da livraria do meu finado amigo escolhi, entre todos, aquella volume, por ser d'elle a ultima poesia que, ainda enthusiasmo, me restou o moribundo.

A *felicidade pela agricultura* e a *felicidade pela instrucção*, dois sonhos do poeta philanthropo, não os posso, mas consta-me não serem dos mais difficeis de obter; *O Amor e Melancholia* e a *Noite do Castello*, apesar de terem uma edição relativamente recente, já vão rareando; o drama *Camões* é quasi desconhecido e os *Quadros historicos*, ali! esses nem sei de que formato são, pois nunca me foi dado pôr-lhes a vista em cima.

Das primeiras poesias, dadas a lume em 1818 e 1820, d'essas nem é bom falar; mas que admira, se até das obras mais modernas, como as traducções das comedias de Molière, já algumas estão esgotadas e já os alfarrabistas as começam a vender com o premio de raridade?

Porque é isto?

Interroguei editores sobre a opportunidade de uma nova edição e responderam-me que não valia a pena; ainda perguntei porque, e acceceram que eram obras que não eram procuradas!

Essa é boa! Se as não ha, se algumas são até ignoradas do publico e dos livreiros como querem que as procurem?

Fagão as conhecidas, anunciem-as, eduquem o gosto dos leitores, e então me dirão fundamentalmente se têm ou não procura as obras do melhor e mais delicado cultor da nossa lingua.

Pois é acaso justo este abandono e este esquecimento?

Muitos annos vão sumidos no vortice do passado, depois que, em conversação intima com Pinheiro Chagas, ponderei o lastimoso olvido em que ia caindo também Garrett, e o primeiro escriptor, tão cedo roubado á gloria litteraria, prognosticou-me, com a sua brilhante intuição artistica, que o culto garretiano havia de reviver a breve trecho. Realisou-se o prognostico.

Acordou agora a erengia.

Renovam-se as edições, fundam-se sociedades, projecta-se a consagração de uma estatua!

Al! Garrett bem avisado andou em ter nascido no Porto; lá onde as vontades são energicas e as resoluções decisivas, no passo que Castilho viu a luz n'esta minha formosa e indolente Lisboa, que deixou morrer Camões n'um hospital, Camões que era de nós todos, que da patria, e da patria, que era da humanidade culta! Era, é e ha de ser, enquanto no mundo houver o culto do bello, do grandioso, do sublime.

Pois bem! Temos hoje, como tivemos outr'a, uma grande divida em aberto para a poesia nacional. Herculano, admirado, em impetos de justissima admiração, pelos poderosos, logrou desde logo um monumento, como outro não se podia imaginar mais consentaneo á sua austeridade ilustre litteraria; Garrett vale ter um monumento, na cidade que lhe foi berço; falta a homenagem devida a Castilho, o homem que fechou com chave de ouro as portas da esca das classicas, o homem que mostrou na *Noite do Castello* e nos *Cantos do Bardo* como sabia, de igual modo, vibrar as cordas do alaúde romantico, depois de haver dedilhado a lyra delictosa, onde se escutavam acordes, que não desdenhariam hellenos e latinos, o homem que, desde o primeiro balbuciar da inspiração poetica, se deu todo ao culto da lingua, d'esta lingua formosissima, como nenhuma outra fadada para expressar affectos.

Tudo quanto se fizer á memoria de Garrett é pouco; mas tudo quanto se fizer para honrar a memoria de Castilho tambem não será de mais!

Um tinha o genio erador e mas outro era o modelador primoroso, de tal arte que nem Vieira ou frei Luiz de Souza o excedem nos primores da linguagem, nem nenhum poeta o egualou na suavidade e doçura, ou na energia e cadencia da metrificação.

Garrett, o distinctissimo prosador, manejava como poucos o verso branco, mas Castilho excedeu-o em harmonia, sobre ter o condão de tratar com equal primor todos os metros, muitos por elle introduzidos na poetica portugueza, e em todos dando versos cheios, sonoros, perfectos e adequados ao assumpto, as mais das vezes, suaves e campestrices, mas não raro, trovejando coleras contra a tyrania, ou cantando hymnos enthusiasmas á liberdade.

Nem sempre era arrojado a desliar sempre atravez dos campos arrevalados de boninas que ás vezes se tornava torrente impetuosa de indignações, por entre os fraguados duros da politica, como no prologo do *Prologo da memoria do libertador*, exemplar de prosa tersa e apaixonada que muito dariam os modernos jornalistas partidarios por poder imitar.

Não desconheço que duplamente é responsavel o grande poeta pela diffiduldade relativa da reimpressão das suas obras, — já porque não adoptou nunca um formato uniforme para as diversas publicações, já porque pejou talvez demasiados os volumes com prologos e notas, que embora encantadores de estylo e de opulencia de erudição, são de molde a afugurar grandemente os olhos dos leitores e a tornar mais caro do que o preçoso o preço da venda.

No prologo das *Metamorphoses*, promette ser breve e espraia-se por longuissimas paginas de muito muito meudo, que fatigam a attenção e a vista, no *Camões* dá-nos o drama em um volume e fal-o seguir de dois de *Notas para se lerem*, e até no *Amor e melancholia* insere, em extensissimo appenso, a *Chave do enigma*, um primor de linguagem, um encanto de leitura, mas que podia constituir volume á parte.

Castilho era um conversador, — e esplendido conversador nas palestras intimas, — e quando começava a dictar, discretando sobre as suas obras, esquecia-se a conversar com os leitores; mas é este motivo para que elles o não apreciem, para que não lhe agradeçam o encanto da palestra, para que as suas obras não sejam reimpressas em volumes uniformes, como as de Garrett e Herculano?

Livros de diverso formato, embora do mesmo autor, adquiem-se isoladamente, mas ha muito que tenha o gosto, e direi mesmo a validade das collecções completas, quando representam um todo uniforme.

Pense-se n'isto e recenda-se o culto do insigne poeta, que foi disautivel em vida, como todos os homens, e em mesmo o disauti, mas que depois de morto, aureolado pelo prestigio da gloria immortal, assumiu tão grandes, tão incomparaveis proporções que a posteridade lhe deve consagração condigna.

Por mim e na minha obscura modestia, se Deus me acrescentar a vida e com ella as horas feridas, me empenharei em apreciar toda a obra litteraria de Castilho, toda a sua influencia na cultura da lingua patria, e nos primores da metrificação, sem falar no philanthropo, que trouxe luz e amor ás escolas, que, á imitação de Christo, chamou a si os pequeninos.

Será pequena contribuição para a grande obra a empreender, parcella minima para o pagamento da divida que a patria tem em aberto.

Só a hora da resurreição dos grandes homens que honraram o sculo passado, Herculano tem o seu monumento, Garrett vale tel-o. Ergue-se um altar a Castilho, para ficar completamente saldada a divida nacional.

Mais que nacional, pois é de portuguezes e brasileiros: e assim, que o Brasil e Portugal se dêem as mãos no desempenho comum, e que os nossos successores não nos apodem de mais uma vez ingratos!

A. M. DA CUNHA BELLEM.

As festas nos Seteais



Uem enveredada pela estrada dos Pizões, em Cintra, encontra, á direita, á quinta do Relógio, onde as azeas mergulham n'uma sombra solemne cortada por listras turbilhonantes de átomos dourados, onde uma flor de mocidade assetina as coizas e onde a aigrette orgulhosa do repuxo tem o aspecto de um pennacho de diamantes misturados de chamas, pennacho que se quebra no tanque com um ruído delicado de escravonetas cahindo n'uma taça de porphyro. A' esquerda, demora á quinta da Regaleira, sobre cujo muro as grandes arvores ondulam com movimentos caraciceiros de flabellos de plumas ao sopro indolente dos halitos estivos. Proseguindo pela estrada que leva a Collares, topa-se, á direita, com o rocío e o palacio dos Seteais. Mais adiante, depara-se-nos o Monserrate com a noite glauca do seu bello parque, as curvas molles dos seus relevos scintillantes como um incendio vegetal, as colorações reluzentes das suas plantas lanceoladas, os seus musgos espessos como velludo, os seus arvoredos chilreados de aves hilariantes, os seus murmurios eolios, os seus perfumes capitosos — evolando-se dos cachos brancos das acacias, dos myosotis, dos jasmims de Italia, manchados pelas rosetas carmezins das Bougainvillias e pelas nodosas azeas das hortensias —, o seu palacio aformosentado como uma rendilhada caixa de amendoas viennense ou uma embonitada bocetinha de confeitos puerilmente franceza. Como esta mansão é deliciosa, de uma magnificencia calma e soberana, particularmente no Outomno, quando os longes se desenhão por detraz de vapores ligeiros, esbranquiçados, á maneira de um pó de cinza fina, quando as verduras orvalhadas palpitam n'um banho de frescura e de suavidade, quando os ramos revestem essa cor de ouro *in-extremis* antes da queda das folhas, quando no espelho liquido das aguas se reflectem as nuvens pardacentas e o vôo zigzagueante das andorinhas que partem para o Oriente, quando uma doce poesia emana de todas as coizas e o céu azul-pallido se esfuma de um reflexo de meia-nocholia afflicti-vas!

De boa gana se pôde admirar ahi o occaso do sol, esplendente quadro para ser pintado por um millionario da paleta! O astro começa a mergulhar no horizonte; os seus raios lustram os campos como enormissimos lençóis magens cõr de esmeralda e cõr de loiro, os penhascos rudes couçam-se de topazio, as aguas correntes fluminaem como platina em fusão, as folhas rutilam como arbustos de ourivesaria, o crystal espe-lhante dos lagositos dos parques listra-se de estrias argentinas, as torres do castello da Pena amarellejam como capsulas monstruosas de garrafas de Champagne colossaes, os vidros dardelam como olhos cyclopicos e o céu illumina-se de reflexos vermelhos, de um oiro mais flamejante. Depois, ha por toda a parte a conjugação magica do azul e do rosa para afogar a natureza sob uma mortalha de ametista. Lá muito ao longe, na orelha do litoral, o mar vague se apagando n'uma brancura opalina semelhante á que se produz quando se misturam algumas gotas de essencia n'um copo de agua. As arvores vão-se envolvendo nas sombras da brevesda no-

cturna, picadas debilmente pelos clarões lampos dos vagalumes; as almas dos amantes, que voaram nos turbilhões das essencias fugitivas, telephoniam-nos os seus segredos lugentes. Parece que sentimos, em torno de nós, a palpação continua de um beijo immenso; parece que o vento traz aromas extra-planetaes e, acudindo as folhas, nos phonographa as syllabas incoherentes de um eterno adeus de muribundo; parece que espaço se povoa de formas mysteriosas, potencia augmentada de potencia infinitessimas!

Não é nosso scopo tratar privativamente do palacio de Monserrate; sem embargo, sempre lhe dedicaremos algumas notulas argam-massadas com algumas indicações inéditas. Em 1760, um negociante nove annos, a ciente era c o m m e r que ti mosa nas

hollandez tomou de arrendamento, por quinta de Monserrate. Esse negro Gerardo Devisme, socio da firma cial Purry, Melish e Devisme, nha escriptorio na rua Formosa 17-83 Jacome Ratton, suas Recordações, fala d'esta casa de com-mercio, que adqui-riu importan-tissima for-tuna no nego-cio

das ma-deiras do Brasil, e que al-gu-n, por qua-tro mil cruza-dos annuaes, uma vivenda na Ajuda, para onde o marquez de Pombal se mudou do palacio da rua Formosa. Devisme deu principio ás obras do palacio de Monserrate, mas parece que as não conclui, e arrendou, de sua mão, á quinta a William Beckford em 1787, o qual lhe fez importantes beneficencias. Fallecendo em Lon-dres, sem descendentes, passou o usufructo d'essa propriedade, pelo tempo restante, a Francisco José de Oliveira, o qual tomou posse a 14 de Abril de 1798, em nome de seus filhos, afilhados de Devisme. Passou successivamente a diversos ar-rendatarios, e, pelo mau trato e decurso do tempo, arruinou-se completamente, até que foi subrogada por seu dono, o menor D. Luiz Castano de Castro e Almeida Pimentel de Siqueira e Abreu, com adherencia do conselho de familia e de sua mãe e tutora D. Veridiana Constança Leite de Castro Pestana, a Mr. Francis Cook, depois visconde de Monserrate, o qual fez vir de Inglaterra um mestre de obras chamado Bermett e um jardineiro chamado Birt, que remodelaram, por completo, o palacio e a quinta, finalizando as reconstrucções em 1865. (1)

O Devisme tambem construiu uma casa em Bemfica, da qual fez loteria, annunciada na *Gazeta de Lisboa* de 27 de Dezembro de 1791. A casa foi rifada com toda a mobilia, baixela de prata, porcellanas, crystaes, roupas, museu, livreria, etc. Sabemos que ella pertenceu depois ao marquez de Abrantes, cujos herdeiros a venderam á infanta D. Izabel Maria em 1834.

O socio do Devisme era um suizo de Neufchatel, que veio para Lisboa antes do terramoto de 1755, onde conseguiu ganhar fortuna, orçada em alguns milhies de francos, que poudé legar á sua terra natal. Com elles creou varios estabelecimentos de educação e beneficencia.

Beckford, o segundo arrendatario do Monserrate, reconstruiu o palacio, sumptuoso capricho de uma imaginação que sabia crear e desejar, — como phrased Rebello da Silva no *O Panorama*. (2) Beckford veio duas vezes a Portugal, em 1787 e em 1794. (3) Seu pae, Lord-Maire de Londres, foi uma individualidade de tal tomo e casta, de tão conspicua excelstude, que governava de *haute main* os negocios municipaes londrinos, influa poderosamente no partido

O CAMPO DOS SETEIS, EM CINTRA

oposicionista ao governo britânico, sabia empertigar-se, com bascoia, nos espartilhos de uma posição benemérita e era olhado como um numen tutelar pelo povo. A este respeito, é edificante o que Francisco de Mello e Carvalho officiava de Londres em 3 de Junho de 1770 ao conde de Oeiras: — «A morte de Guilherme Beckford, Lord-Maire da cidade de Londres, foi o golpe mais fatal e que mais tem consternado o partido da opposição; Lord Chatham, que absolutamente governava o dito Lord-Maire, se servia d'elle como de instrumento, para também governar a cidade de Londres». E semelhante juízo era reforçado pelo que o mesmo ministro officiava em 25 de Junho de 1770 a D. Luiz da Cunha: — «E inexplicável quanto este accidente (a morte de Beckford) tem sido aeneiral a todo o partido da opposição, parecendo-lhe a esta que perdeu, não o seu Magistrado, mas seu proprio pae». (4)

Na segunda vez que Beckford — ou Beckfort, consoante a orthographia da *Cintra Pintoreira* — esteve entre nós, veio fugido por causa de certo crime que lhe associaram, e foi então que lhe valeram os bons officios do seu particular amigo, o Marquez de Marialva, que empregou toda a influencia de que dispunha junto do Principe Regente, a fim de este impetrar de Jorge III que houvesse d'elle clemencia. De facto, o monarcha inglez poupou-lhe os flagícios passando uma esponja complacente sobre o processo, e Beckford, desejando patentear sua gratidão, pediu licença para offerecer á rainha D. Maria I quatro lustres de filigranas de ouro, destinados á real capella, mas soberana recusou-os. Pelo menos, assim o conta Relleto da Silva. Beckford morava ás Necessidades e supponho que se retirou para Inglaterra em 1790, porque a *Gazeta* annunciava então, que, nas casas em que elle morava, indo da Torre da Polvora para ás Necessidades, se vendiam carruagens e varios trastes de casa do melhor gosto. O celebre Domingos Antonio de Sequeira pintou para elle um quadro representando *Baccho e Ariadna*, que expoz no seu *atelier*, junto ao pateo das Vaccas, em Belem, durante vinte e cinco dias. Em 1790 reuniam-se a elle e a uma carruagem inglesa nas casas de Mr. Beckford. (5) Mas o que talvez ninguém saiba é que elle foi roubado por um seu servo portuguez, um velhaco que lhe bificou alguns artigos de vestuario, como prova a seguinte conta do Intendente de Policia, que transcrevemos na integra: — «Vm» mandará prender José de Abrantes, Criado de farda, que se acha em casa de um negociante estrangeiro chamado Cosmelli, e lhe fará dar conta dos trastes que aponta a relação junta, que levou de casa de Beckford, a que o sobredito servo, Deus guarde a Vm.» Lisboa, 1.º de Janeiro de 1795. Diogo Ignacio de Pina Manique. Sr. Pedro Duarte da Silva. «Relação do fado que José de Abrantes levou de casa de Mr. Beckford. Huma casaca azul, hum vestia escarlate, hum calção preto, hum fraque alvado, quatro vestidos de banho, um collete de trabalho, hum sobretudo, hum collete de montar a cavallo, hum chapéo agalado de oiro, hum dito liso, hum calção de anta, hum par de botas...» (6)

Beckford chegou a receber na sua residencia, em Inglaterra, a rainha D. Maria II, e morreu em 1835.

O palacio de Setais foi mandado edificar pelo hollandes Daniel Gildmeester Diz, negociante de grosso traste e consul geral da Hollanda em Lisboa. Já o era em 1783; em 1789 morava ás Janelas Verdes e em 1794 tinha o escriptorio á Rua das Negras. Tradição em diversos generos, especialmente em chá, como se prova pelas copias das cartas que se guardam no archivo do Ministerio da Justiça. A casa Gildmeester e Companhia estava em 1807 ao Thesouro Velho, passando o cargo de consul da Hollanda a ser exercido por Jacob Dohman, que em 1804 fez negocios com o marechal Lannes, embaixador francez n'esta corte. Gildmeester foi muito protegido pelo Marquez de Pombal, por cuja intervenção obteve o contrato dos diamantes do Brasil. Morava n'uma casa nobre, que Paulo de Carvalho, irmão d'aquelle estadista, comprou por doze contos no juizo dos residuos, e para o pagamento da qual consignou, em mãos de Gildmeester, tres mil cruzados annuaes, a fim de saldar a importancia da compra. O negociante fez-lhe valiosas beneficencias e transformou a casa na principal moradia do seu protector, ajustando com elle que as despesas se cobrissem com as rendas que fossem precisas até completo embolso do dinheiro gasto. (7)

O palacio de Setais foi inaugurado em 25 de Julho de 1787, dia do anniversario natalicio do velho Daniel Gildmeester. Beckford, cronista do festim, diz que o palacio ainda não estava concluido e que o terreiro apresentava grande desordem. Havia enorme concorrência de hollandezes, inglezes e portuguezes pecuniosos. A ceia foi primorosa, de grande esplendidez de cobertas e de postres, a iluminação brilhante e o serviço riquissimo. Madame Gildmeester, «que era mulher de espirito e de discernimento», preadiu distintamente, sustentou *le feu roulant* da conversação e satyrisou cruaemente, talvez com simulacranças juvenaes, os seus patricios tráfegueses.

Fera foi que um francez atolado perturbasse o bródio, commettendo toda a ordem de tropelias e desreando, com um agro de arseniato de strychnina, todos os destemperos que praticara com duas senhoras presentes, o que summamente vexou os siudos conjuges Gildmeester.

Beckford, como um articulista de bom cunho, torna a descrever moadamente outra visita feita em companhia do Marquez de Marialva ao dono dos Setais, que elles encontraram n'uma das salas com as cubicularias accoradas á volta d'elle. Depois do chá, o consul entrou, com muitos rapapés e de boa avença, trazendo uma enorme bandeja do Japão cheia de diamantes naves e lapidados,

tendo alguns pedadissimos engastes. Pedinchou então ao Marialva que os recomendasse ao animo munifico da rainha, e pediu, em segredo, a Beckford que secundasse o pedido d'aquelle fidalgo. Mas o pedinchão teve um acolhimento rebarbativo, foi tratado com polidez sumaria, e voltou lapantamente para o seu gabinete com a salva japonesa, as pedrarias... e a orelha Mutchi. A opulencia de Gildmeester e o esplendor do palacio de Setais são devidamente encommiados no *Tableau de Lisbonne* publicado em Paris em 1797.

Entre os credores do Marquez de Pombal, que foram ao logar do seu desterro para lhe exigir o pagamento das dividas, que montavam a quarenta e cinco contos de réis, appareceu Daniel Gildmeester reclamando a importancia de um adereço de diamantes, que o Marquez lhe comprara para o casamento do filho. (8) Ora supponho que é exactamente a este objecto precioso que se refere uma carta do Marquez, a qual o paciente investigador, Sr. Brito Rebello, encontrou no archivo do Conselho Ultramarino, hoje depositado na Bibliotheca Nacional de Lisboa. A carta ainda está dobrada, tem a assignatura do estadista, e é sobrescrita a Lord Hird Castle, official de marinha ao serviço portuguez, mas chegou a almirante da armada inglesa. Por meio d'ella se authorisava Hard Castle a receber de Daniel Gildmeester um collar de brilhantes, que o Marquez de Pombal lhe encomendara.

A quinta da Alegria, ou dos Setais foi annunciada para venda em 1790, estando encarregado d'esta Carlos José Von Nefz, morador na rua de S. Francisco da Cidade. Depois annunciaram, successivamente, o leilão de todos os bens da viuva D. Joanna Gildmeester, constantes de muitas joias de perolas e de brilhantes soltos, pinturas, loças de Saxonia, livraria de bellas letras, etc. O leilão ainda continuava em 1800. (9) O palacio de Setais passava, por compra, ao Marquez de Marialva, que ali offereceu bellas festas á rainha D. Maria I.

A uma d'ellas — uma festa á *tout esser* — assistiu a soberana trajada de preto, tendo á direita o principe do Brasil e á esquerda duas princezas. Havia *une grande chambré* de nobres primorosos em pontos de cortezia, *types dernier galbe*; sumia todo um enxame de encantadoras mulheres; palpitavam os leques polychromos, os falbalas, os tecidos ligeiros como phantasias da natureza etnológica, as sedas coloridas desde o griede ao azul zardo, a elegancia imponente das rendas que surgiam em vagas espumosas irradiando a subtilidade dos perfumes amados; riam boquinhas semelhantes a campânhas coralinas, olhos chamejantes como carvões em brasa, cutis diaphanas como hostias, collos que eram neve sublinhada de ambar, espaldas redondas que apresentavam a esbelteza dos marmores hellenicos, braços que eram talhados no mais puro Paros e manilhados de braceletes. As joias reluziam n'uma fanfara de reflexos alegres; lampejavam as abotoaduras de brilhantes, as presilhas dos hombros, os brinco de pingentes e os de brárreos guarnecidos de diamantes, os pentes de topazios, as pulseiras com fechos de tres ordens de diamantes e aguas-marinhas, os broches em forma de pera, de borboleta, de flor, de vaso e de coração, as cruzes de esmeraldas, as passadeiras dos cintos, os alfinetes das gravatas tuftadas, as golihas de ametistas, os ganchos de diamantes-rosas, os laços de topazios e chrysollitos, as fivelas dos sapatos e dos calções, os espadins de prata lavrada riscando a graça languida das sedas. No ar morno, fluctuavam os aromas insidiosos das aguas de cheiro e dos polvilhos que jaspavam as epidermes, dando-lhes brancuras setineas de gardenias, palidez de marfim florentino, frescura macias de marmores: de agua da rainha da Hungria, da Pompadour, de Chipre, de Sultana e de melissa, de leite virginal para communicar no rosto alvuras ineditas de espuma marinha, Imperial para destruir as rugas, de jasmim para perfumar os guantes, e de frangipânia, o perfume favorito de Maria Antonietta, de pó d' *à Marchala*, d' *à Delphina* e d' *à Duquesa*, de pó de violeta de íris, de pasta de mel e de pasta de amendoas, de tão altas virtudes demophilias.

As damas alitteradas tagarellavam com o pathos precioso, com uma pontinha d'aquelle metaphorismo affectado do *hotel Rambouillet*, em que privava a duquesa de Longueville, a princeza de Condé, a *Souffry*, Madame de Lafayette, o cardeal de Richelieu, Pellissier, Voiture, o abbade Cotin, e dois prelados que deviam granger celebridade — Bossuet e Fléchier. E as lindas *françaises fin de siècle* pareciam representar Paris, com a sua elegancia amável, a sua graciosidade cortez, a sua frivolidade sensitiva, os seus coquetismos revolucionarios, as suas flexuras de gestos artificiosos, a sua altivez decorativa e de bom tom... No entretanto, os creados passavam silenciosos e rapidos como sombras chinesas por detrás de um *écran* transparente.

O sério discorreu cheio de alacridade e de musicas. Um official das Guardas executou um solo de trompa, uma menina de nove annos cantou um elogio á rainha e dançou uma *allemande*, o anão do Marquez de Marialva e a preta D. Rosa, favorita da rainha, ballaram solentemente, e dois rabiquestas tocaram um duetto de rabeca. Depois, desceu-se ao jardim, onde se queimou um bello fogo de artifício manipulado por um padre de Cintra. Fim de elle, passou-se ás salas enramadas de verdura, e ali se serviu a alchimia gastronomica de bons culinophiles, que foi devorada com a mesma pressa gastralgica com que se engole a sapataria e a tinturaria culinarias nos bufetes de *gare* ou nos *dining-cars*.

Cá fóra, enquanto o palacio enviava a sua ultima nota de festa á noite estrellada, o luar envolvia a natureza em radiações lilazes de apothose, as arvores vestidas de bruma luminosa desenrolavam filas de phantasmas brancos como o candido péplum das Panathes.

neas, os zephyros sopravam impregnados dos aromas silvestres, ouviam-se todos esses mil ruídos que os poetas chamam — o silencio nocturno...

Uma lenda, que se adarga com fócos históricos, sustenta que a Convenção de Cintra foi assignada no palacio de Seteais. O sr. Alberto Teiles, que já denotou esta questão no seu livro *Lord Byron em Portugal*, opina pela negativa. O general Dalrymple, um dos signatários da Convenção, também diz, nas suas Memórias, que o nome é impróprio e fallosamente applicado, porque o tratado foi concluído a 1 de Setembro de 1808, e elle só estabeleceu quartel-general em Cintra a 3, que transferia para Oeiras a 5, depois para as Fátimas, e, finalmente, para Bemfica. (10) A duquesa de Abrantes navegava nas mesmas aguas, quando affirmava não comprehendendo o motivo porque baptisaram a Convenção com esse nome. (11)

Depois da vinda de D. Pedro IV, deu-se uma festa importante no palacio de Seteais. Consistiu em jantar e baile offerecidos ao duque da Terceira em 18 de Março de 1834, dia dos annos d'aquelle marchoal. Foi realisaada mediante subscrição a cincuenta mil réis por familia. Ao baile assistiram: a marquessa de Angeja, o conde de Cacia, pae, D. Anna da Camara, Palmella, familia de João Fletcher, barão de Rendufe, marquezes de Fronteira, etc.

O terreiro pegado ao palacio serviu, *in illo tempore*, para as exercições dos milicianos cintrenses com suas reituras ferruginosas, e, modernamente, para os sportismos muito mais frageiros das taureomachias. Em 1863 e em 1865, houve ahí curiosissimas toiradas fidalgas. Esta era em plena epocha de descentralização estival. A sociedade de *haut rang* deliberou dar uma corrida no campo de Seteais, corrida que se levou a effeito em 1.º de Setembro de 1863. O dia appareceu lindissimo, um ar azul e oiro prestava um verniz alegre as coisas, Phebo parecia dizer que todos os lustres estavam accessos. Das trazeiras do palacio, admirava-se o sorriso luminoso da paisagem romantica, que só pôde ser pintada n'um estylo largo, audacioso, verdadeiramente empolgante, por um Delacroix da escripta. O côco de sapinho tinha transparencias de onda translúcida, as verduras tremiam ebrías de sol, o mar longinquo parecia immerso no quietismo que deviam ter os prados da Jônia nos tempos floridos de Homero, o carro de Juno passava, conquistador, sobre a fronte do mundo, levantando uma poeira astral. As lanellas da ala direita da frontaria do palacio, que olha para o campo de Seteais, estavam apinhadas de tafalhas esbeltas das pelos vestidos de tafetá listrado, de popelina, de *barège* côr de gangra e de casa bordada, pelasromeiras de tulio e camélias de cambraia, pelos chales de crepe da China, pelos chapéus de palha de arroz e de palha de Italia, sobre os quaes se abriam os guardasoes como zimbórios de seda côr de rosa ou azul clara.

Correram-se treze toiros enfeitados por treze senhoras, presidida á corôa o marquez de Castello Melhor, pae, e foram cavalleiros o conde de Vimioso e D. João de Menezes, entrajados á Luiz XIV. A noite, houve baile aos toiros do palacio do marquez de Pombal, onde as damas gabaram calorosamente os bandeirheiros Cazuza e Frederico Ferreira Pinto e o moço de forçado Talone.

Em 4 de Setembro de 1855, repetiu-se a toirada no campo de Seteais. O conde de Vimioso e D. João de Menezes — *bien connus en selle* — piquearam montados em cavallos fantis atitados; serviram de capinhais o Frederico Nunes, o Luiz Aranha, o D. Manoel de Vasconcellos, etc., e de moços de forçado o Antonio Schwabach, o José Galache, o Roberto Schiappa, etc. Nas lanellas do palacio aglomeravam-se as mais refulgentes estrellas do Zodiaco da elegancia, rainhas que tinham direitos illimitados sobre uma multidão de súbditos disciplinados pela admiração. D. Maria Cruz mandara vir de Paris grande profusão de enfeites para os toiros; e as damas brindaram os lidadores com papelleiros de pastilhas, rebuçados, doçarias laminadas, as suacur em ponto e caramellis de agua de cheiro. A noite, houve jogatina, bravia no hotel Victor, onde o marquez de Niza, jogando com o Frade e os Avellares, perdeu seiscentas libras esterlinas.

A ultima festa que se deu no palacio de Seteais foi em 2 de Setembro de 1876. Consistiu em recita e baile, a que assistiram o rei D. Fernando, o infante D. Augusto, a condessa de Esdras, os duques de Palmella e de Loulé, Pombal, etc. As pecas foram desempenhadas por Gracia Mendia, Pepita Sandoval, Julia Adalia, barão da Regaleira, D. Antonio Vasco Sabugosa, Carlos Mayer e barão de Firch. As damas, cujas graças emulias e diferentes se associavam como raios diversos do prisma, foram servidas de chá pelos creados, quando deveriam ser servidas por Hebe — a bonita *barmaid* dos deuses olympicos... A funcção terminou no momento em que, ao longe, desfilavam as primeiras rosas do dia, rainha o aruspicio levantando, e as brancas brancas ainda escondiam os valles cintrenses, que parecem feitos para asylo das sombras felizes, como os campos virgilianos em que Dido continuava, na morte, as suas *reveries* amorosas.

No palacio de Seteais não se repetiram as festas. E elle lá se conserva immerso nas recordações deplorativas, e triste pela nostalgia do passado...

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

(1) O Seculo de 9 de Outubro de 1898.

(2) O Panorama, vol. XII, pag. 266.

(3) As cartas de Beckford, concernentes a Portugal, foram traduzidas por

Rebello da Silva e Meira (cunhado de Alexandre Hercolano) no *O Panorama*, reproduzidas na obra *Portugal e os estrangeiros* de M. Bernardes Branco, e, ultimamente, publicadas em livro intitulado *A Cete da Rainha D. Maria I*. Esta ultima traducção vem com nome de traductor, mas é do sr. Zacharias de Aze.

- (4) Bibl. Nacional de Lisboa. *Manusc. pto. Pombalinos*, Codice N.º 635.
(5) *Gazeta de Lisboa* de 1796 e 1799.
(6) Bibl. Nacional de Lisboa. *Fundo antigo em manuscritos não catalogados*.
(7) Latino Coelho. *Historia politica e militar de Portugal*, vol. I, pag. 438.
(8) Camillo Castello Branco. *Perfil do marquez de Pombal*, pag. 307.
(9) *Gazeta de Lisboa* de 1796 e de 1800.
(10) *Memoir written by general Sir Henry Dalrymple, Bart. London, 1880*, pag. 71 e 75.
(11) *Memoires de Madame la Duchesse de Abrantes*, vol. VII, pag. 438.

Recompensas a marinheiros portuguezes

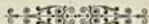


«Western Euro, procedendo-se logo ao lançamento d'uma lanche mandada arrear pelo capitão João Antonio de Hettencourt, sob o commando do 2.º official Jacinto do Canto Botelho, que levou as suas ordens 5 marinheiros.

No fim de 7 horas de rudes trabalhos e eminente risco de vida conseguiram aquellos bravos trazer para bordo do «Peninsular» todos os naufragos da escuna, incluído um pobre ro.

Por este facto o governo dos Estados Unidos mandou aos 5 remadores da lanche salvadora cinco medalhas de ouro, e o presidente Roosevelt um bom relógio e cadeia de ouro para o Sr. Hettencourt, e um esplendido binoculo de grande alcance para o Sr. Botelho.

Independente d'estas brindez officiaes houve outros de iniciativa particular, os quaes foram cinco medalhas de cobre offerecidas pela Sociedade americana «Life Saving Benevolent association of New York» aos cinco marinheiros, com mais vinte e cinco dollars (ouro) a cada um, e duas outras medalhas de ouro aos Srs. Hettencourt e Botelho, prando cada uma 53 grammas e todas do desenho de que damos quatro photographuras.



João Penha

(A conta de Valeação)

O Sér-Omnipotente, o Deus-Creador
que fez o mundo, a terra, o ceu e o mar,
o sol doirado e as noites de luar,
que fez as rosas e que fez o amor:

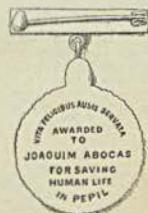
Esse Deus uni-o, esse Deus Senhor
que a Noé ensinou a fabricar,
de cachos d'uva, o nectar salutar
que nos dá vida e que nos dá calor;

Viu lá dos ceus radiosos, chrystalinos,
que o mundo era infelix na atrocidade
de longas horas sem jocundos hymnos.

E com pena da triste humanidade,
a João Penha inspirou cantos divinos
que resoa por toda a immensidade.

ALBERTO DE MOURCEIRA.

NOVEMBER 14 1901



Um almoço no Jardim de Inverno do theatro D. Amelia



A mesa do almoço

Festa sympathica, festa elegante, foi a que, em honra do visconde de S. Luiz Braga, se realizou ha dias no jardim de inverno do theatro D. Amelia. Amigos intimos do habilitissimo director d'aquelle theatro quizeram dar-lhe uma subita manifestação de estima pelos seus dotes pessoais e de admirapão pelas suas qualidades de empresario moderno, e offereceram-lhe um almoço, para o qual foram convidados, não só amigos seus, mas representantes de toda a imprensa, artistas, etc.

Ac champagne ergueu Magalhães Lima o primeiro brinde, pondo em relevo as qualidades do visconde de S. Luiz Braga, que respondeu com effusivas palavras de agradecimento, e d'ahi até findar o almoço foi uma serie ininterrupta de brindes, calorosos quasi todos, e todos correspondidos com enthusiasmo. Representam as nossas duas gravuras, uma d'ellas os convivas sentados em volta da mesa festiva do almoço, e a outra o grupo de todos os que n'elle tomaram parte, a excepção dos srs. D. João da Câmara, Urbano de Castro, Eduardo Schwalbach, Abel Botelho, actores Taborda e Lalle, Henrique Vasconcellos, Lara Riverar, Jayme Victor e outros ainda, que tiveram de se retirar da sala antes de terminar o almoço — esplendidamente servido pela casa Ferrari.

Tão brilhante e effusiva foi essa festa, que d'ella nunca mais se esqueceram as que com a sua presença contribuíram para esse exito.



Um grupo tirado depois do almoço

Actor Luiz Pinho—França Borges—Mangel Damasceno—Siuari Torrie—Antonio Manoel—José Antonio Moniz—Augusto Antunes—Francisco Salles—Carneiro de Moura—Frederico Lagoa—José Parreira—Freitas Brito—Mello Barreto—João Costa—Luiz Moraes Carvalho—Portes—Augusto Pina—Visconde de S. Boaventura—Guilherme da Rosa—Manoel Gustavo—Bordallo Pinheiro—Adolpho Wadlington—Roberto Rebelo—Luiz Gaiardo—Christiano de Souza—Chaby Pinheiro—Higino de Mendonça—Julio Dantas—Lino d'Assumpção—Augusto Rosa—Carlos Cabral—Magalhães Lima—Eduardo Garrido—Moura Cabral—Alfredo Santos—Antonio Pinheiro—Luiz Antonio Pereira—João Chagas—Antonio Ramos—João Rosa—Visconde de S. Luiz Braga—Eduardo Brazão—Raphael Bordallo Pinheiro—João Gil—Henrique Alves—Alvaro Cabral.

BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 30Páginas suplementares: Off. Estêvão Nunes & F.^{ma}
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Loriz Tavares

Editor—Luiz Antonio Sauchas

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125

End. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL	PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno 30\$000	Anno 5\$400	Anno 7\$400
6 meses 15\$000	6 meses 2\$800	6 meses 4\$000
3 meses 7\$500	3 meses 1\$400	3 meses 2\$000
Numero avulso 2\$000	Numero avulso 3\$000	Numero avulso 4\$000

SUMMARY

TEXTOS

General Antonio Barboza de Queiroz.
Política Internacional—CONSEILHIER PEDROSO.
04 Victor Hugo—(Voices do Abyssos)—E. A. VIDAL.
Cecil Rhodes.
Expansão Colonial—11—C. de SOUSA e FARO.
O coronel Antonio Queiroz, a cavallo.
Tio de Carvalho.
Dr. Augusto Brat de Sousa—Augusto de CASTILHO.
Eterna aspiração—LUIS BENSABAT.
Artistas portugueses no Brasil—ANGELA PINTO.
A Cota dos Cardeais—JAYME VICTOR.
Uma scena da peça—JULIO DANTAS.
Coronel Moura.
As obras de Castilho—A. M. DA CUNHA BELLEM.
As festas nas Seteais—PORTO de CARVALHO (TINOP).
Recomenda a marinheiros portugueses.
João Penha (versos)—ALBERTO de MADUREIRA.
Um almoço no jardim de inverno do theatro D. Amelia.

20 Illustrações PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Bom conselho.
O nosso proximo numero.
Album Brasil Portugal.
O CEGO—Romance de PEREZ GALDÓS.
Tauromachia—E. D'A.

ANNUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto.—Porto
Villar d'Allen—Vinhos—Rio de Janeiro.
Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.
Casa Baquet—Porto.
Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.
La Union y El Fenix Español—Lisboa.
Cunha & Irmão, joalheiros—Lisboa.
Almanach illustrado Brasil Portugal, para 1903.
J. Nunes Corrêa & C.^a—Lisboa.
Agência Financial de Portugal—Rio de Janeiro.
Guthrie Silva—Lisboa.
João Ferreira—Porto.
Lemos & Filhos—Porto.

Livros uteis e instructivos—Lisboa.
H. Parry e Son—Lisboa.
Banco do Minho—Braga.
O Tiradentes—Porto.
Veados.
Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.
Reis & Filhos—Porto.
Dr. Alves Quintella—Porto.
Casa Ancora—Manaus.
Maison Nouvelle—Lisboa.
Almeida & Serra Pinto—Porto.
Fabrica de Gravatas—Rio de Janeiro.
Vinhos velhos legitimos do Porto.
Bilhêres Monarch—Lisboa.
Dr. Oscar Leal—Lisboa.
Aguas de Carabancha—Lisboa.
Cesar A. Paiva, dentista—Lisboa.
Grandes Armazéns Herminios—Porto.
Atelier d'Alfama A. Couto.
I'hapalaria da Moda—Lisboa.
José Silva & C.^a—Rio de Janeiro.

OS Nossos CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agência Central dos 3 vinhos do Bril. Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pello, Rua de Alfandega, 4, sobrado.
FERNAMBURGO—A. Leopoldo da Silveira.
PARANÁ—J. B. dos Santos—(Livreria Classica)—Rua João Alfredo, 30.
MARACÁ—Jayme & Camara—Livraria Classica—Rua Guilherme Moritz.
MARANHÃO—Leopoldo J. de Medeiros & C.
CEARÁ—Baltas Torres & C.
BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 23.
PELOTAS—Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana).
RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana).
Rio Marcial Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho
MOSNAMÉDAS—Joaquim Teixeira da Assumpção
QUELI MASSÉ—Humberto Jorge de S. Nova.
NENGOELLA—Mathews & Tavares.
LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorena.

Na India

NOVA GÓA—Antonio M. da Cunha—Casa Luiso
Francisco—Rua Adorno de Albuquerque.

No Continente

PORTO—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Basso, 120.
EVORA—Agência geral em Evora e no Sul Luiz Freire Correia, Rua da Mouraria, 27.
BENAVENTE—J. N. B. Carvalho.
PORTO DE LIMA—Game, Amara & Com.^{ma}
COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 12.
CARTELO RANCO—Pedro Augusto Passos.
BRANCO—Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.
ALCOBACA—José Narciso da Costa.
PORTALGUE—Domínguez da Guerra Conde Leitão—Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques do Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
COIMBRA—José Pereira Cabral.
TAVIRA—José Maria dos Santos.
FARO—Maya & Trigueiro.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 61.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o Brasil-Portugal os sr.s:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
Zeferrino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTO.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguira, n.º 1), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
Rio Solimões—J. C. Mesquita (casa Andrezen)—MANAOS.

Bom conselho

—Como tu estás abatido, rapaz!
—Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
—Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores. E era tão fransino!
—Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o Chocolato Brasil, que se fabrica no Molinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Conselho d'Amigo...
Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O Brasil-Portugal dará no n.º 78 uma interessante visita ao asylo dos velhos e velhas das Irmãsinhas dos Pobres.

ALBUM "BRASIL-PORTUGAL"

Aviso aos srs. Assignantes

A Empresa do Brasil-Portugal resolveu dedicar aos seus assignantes de Portugal, possessões e estrangeiro, paginas especiaes, alem das da Revista, que formão mais tarde uma galeria curiosissima de retratos photo-gravura.

Assim, publicará, por grupos, os retratos dos assignantes da Revista que se contam por milhar, sem distincção de categorias.

Introduz-se d'esta forma em Portugal uma innovação original e extremamente interessante, nunca até hoje adoptada na Europa, e o Brasil-Portugal tornar-se-ha em pouco tempo um album de valor, em que figurem as mais illustres e as mais modestas individualidades.

Representa um grande augmento de despesa, é certo, esta idea. Mas ella não será impraticavel se a Empresa for secundada pelos srs. Assignantes do Brasil-Portugal. Esperamos, portanto, que os srs. assignantes enviem directamete á redacção da Revista, rua de S. Roque, 125, 1.º, Lisboa, as respectivas photographias, e desde já agradecemos.

Nota—As remessas devem ser registradas

Os retratos devem ser em cartão album.

No verso das photographias devem ser mencionados os nomes por extenso dos srs. assignantes, localidades em que residem, e profissões ou situação.

A Empresa pede com empenho a maxima brevidade nas remessas das photographias fim de serem immediatamente reproduzidas pela photogravura.

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

XXI

Um novo mundo

—Quantas coisas bellas vejo diante de mim! exclamou Paulo, explicando assim as suas primeiras sensações. Quantas coisas bellas que eu não conhecia. Mas que coisas são estas que tanto me atterram! A ideia das dimensões, que eu mal comprehendia, apresentou-se-me clara e terrivel, como se me arrojassem de grande altura a um abismo profundo. Tudo isso é bello e grandioso! admiro, mas faz-me estremecer Quero tornar a experimentar essas impressões sublimas. Esse grande espaço formosissimo que contemplei por momentos, deixou-me abismado. Era uma coisa serena e magestosamente inclinada para mim, como que para me receber. Via o universo inteiro correndo ao meu encontro, e tremia assustado... O céu parecia-me um grande vacuo... não sei como explicar-me... Tinha o aspecto de uma coisa extraordinariamente dotada de expressão. Todo aquelle conjunto de céus e montanhas observavam-me e corriam para mim... Mas era tudo frio e severo na sua grande magestade. Mostrem-me uma coisa delicada e graciosa... a Nela... Onde está a Nela? Foi n'este momento que Theodoro tirou o

apparelio e applicou aos olhos de Paulo lentes habilitmente graduadas, pondo-o assim em communicação directa com a belleza visivel.

—Oh! Deus justo! bradou Paulo com entusiastica admiração. Que é isto que eu vejo?! E a Nela?!

—E' tua prima Florentina, respondeu D. Francisco.

—Ah! fez elle, todo confuso. E' minha prima... Nunca imaginei uma formosura assim... Abençoado seja o sentido da vista a que é dado gosar esta luz divina! Prima, tu és como uma musica deliciosa! O que vejo parece-me a ax pressão evidente da harmonia... E Nela? Onde está a Nela?

—A seu tempo a verás, respondeu D. Francisco radiante de alegria. Tranquilisa-te...

—Florentina! Florentina! repetiu Paulo com delirio. Que tens tu n'esse rosto que parece a propria essencia divina! Expelle raios de luz esse rosto... Compreheudo enfim o que sejam os anjos... E esse corpo, e esses cabellos... tudo me revela mundos novos e bellos... Explicam-me o que é isto que eu vejo.

—Começa a comprehender as cores, murmurou Gólfim. E quem sabe? vê os objectos talvez rodando das côrtes do arcebispo... Aquelles olhos não avalliam por certo... ainda as distancias...

—Vejo-te diante dos meus olhos, acrescentou Paulo. Fundes-te com o meu pensamento, e a tua imagem é como uma recordação vaga... Recordação de quê? Nunca vi até hoje... Terêi eu vivido antes d'esta vida? Não sei, mas parece-me que já te vi... E tu, pois! Ondegeste elle? Ah! agora... E's tu... deve ser o mesmo a quem amo... E meu tio? Sos parecidos... E Gólfim, esse abençoado Gólfim?

—Ei-lo na presença do seu cliente, disse Theodoro, apresentando-se. Aqui estou, feio qual Picio... Como ainda não viu leões nem cães da Terra Nova, não poderá fazer ideia precisa da minha belleza... Dizem que me pareço com esses nobres animaes.

—Acho todos bonitos, disse Paulo ingenuamente. Mas minha prima leva-lhes a palma... E Nela? Meu Deus! porque não a trazem?

Disseram-lhe então que a orphã desaparecera

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O Metropole, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



ra, o que o penalizou. Tranquillizaram-o, e, como seria para receber um acesso de febre, convenceram-o a que se deitasse e dormisse.

No dia seguinte era grande a prostração de Paulo. Mas a sua natureza robusta de tudo triumphou. Pediu que lhe mostrassem um copo com água.

— Parece que a estou bebendo só ao vê-la... disse elle.

Da mesma forma exprimiui as suas sensações perante outros objectos. Tudo o impressionava.

Golfim, depois de attenuar as aberrações de esphericidade por meio de lentes, que foi experimentando umas após outras, começou a exercitar o nas distincções e combinação das cores. Paulo, com a sua poderosa intelligencia, differenciava sempre a belleza da fealdade. Distinhiu-as em absoluto, sem que para isso concorresse a ideia de utilidade ou de bondade. Pareceu-lhe encantadora uma borboleta que entrou no quarto e horroroso a vista de um tinteiro, não obstante os engenhosos argumentos do tio, que euvão se esforçou por lhe demonstrar que aquillo servia para a tinta de escrever... tinta de escrever.

Entre uma estampa que representava o Crucificado e outra da Galathea, navegando sobre uma concha e escoltada por tritões e nymphas, preferiu a de Galathea, o que desgostou Florentina, que desde logo prometteu ensinar-lhe a pôr as coisas sagradas sem covados acima das profanas.

Paulo examinava as phisionomias dos que o rodeavam com grande attenção, pois que a maravilhosa concordancia dos movimentos faciaes com a linguagem e suprehensão em extremo. Causou-lhe má impressão o aspecto das creadas e de outras mulheres de povo, que reputava feias e insignificantes. A belleza de Florentina offuscava-as. Todavia desejava vê-las todas, e essa curiosidade tomava as proporções de uma febre intensa que não acabava.

A tristeza por não vêr Nela accentuava-se de hora para hora, e pedia por isso a Florentina que não o abandonasse um momento.

Tres dias depois disse-lhe Golfim:

— Conhece já uma grande parte das maravilhas do mundo visível. Agora é necessario que se veja.

E apresentou-lhe um espelho, em que Paulo mergulhou o olhar avidamente.

— Pois sou eu aquelle que ali está?! exclamou o ex-cego com dôida admiração. E' impossivel! E' como é que eu estou dentro d'esta agua dura e tranquilla? E' extraordinario e admiravel o vidro! E' inacreditavel que os homens hajam feito esta atmospher... de pedra. E não sou feio, não é verdade, prima? E tu quando te

olhas a um espelho, elle reflecte-te assim tão bella como és? E' impossivel. Vê-te no teu transparente: lá é que encontrarás a tua imagem. Vendo-te, julgarás vêr os anjos.

Nessa noite, quando Florentina lhe prodigalisava os cuidados que sempre exige um doente, Paulo disse-lhe:

— Ouve, prima: meu pae em tempo leu-me aquella passagem da nossa historia, em que se diz que Christovam Colombo descobriu o Novo Mundo, até então nunca visto por outro homem.

(Continúa).

TAUROMACHIA

Campo Pequeno

Em 30 de março inaugurou-se a epocha tauromachica em Lisboa, sob a direcção proficiente da Empresa Batalha & C., que felizmente continua no corrente anno e no proximo á frente da nossa primeira praça.

Os artistas que trabalharam foram os cavalleiros Fernando de Oliveira e Joaquim Alves, o sapado Chicuelo (roxo e ouro), e os bandarheiros João Calabazga (roxo e ouro), Cadete (morado e prata), Torres Branco (vermelho e prata), Thomaz da Rocha (tabaco e ouro), Currinche (morado e prata) e Zocato (azul e prata).

Todos se esforçaram por agradar, tirando o maior partido possível dos 10 touros do sr. marquês de Castello Melhor, que na primeira parte da corrida quasi que cumpriram todos, e só na segunda é que demonstraram brandura, sendo o 9.º algo difficil e o 7.º manso, além de sabido.

No entanto, é de justiça que se diga, que dos 10 corruptos, 6 estavam gordos, 2 compostos de carnes e os restantes magros, mas todos tinham bonita lamina e pintas lindas. No touro a cavallo sobresahiu Fernando de Oliveira, que no 1.º e no 6.º touro a preceito, especialmente o 1.º, em que teve sortes desenhadas, á tira, com toda a perfeição e lisuimento.

O seu collega Joaquim Alves teve o 4.º, um animal bravo, mas por demasiada prudencia e excesso de precaução não fapreçou com a franqueza e precisão que o bicho pedia, e d'ahi o pouco resultado que conseguiu em applausos e approvação do publico soberano.

No 9.º, o seu retrahimento em sahir-lhe de frente, foi um pouco justificado.

Do spada Chicuelo diremos que é um toureiro novo, — que não tem ainda a pratica sufficiente para tourear com os conhecimentos e saber de um diestro antigo, — mas, os seus 20 an-

nos e a grande habilidade, arrojo e aficção que possui, suppre-lhe bem quaquers das deficiencias que deixamos apontadas.

Assim, teve, por vezes, uma brega bonita com uns torneios de capa, finos e elegantes, de envolta com outros recortes e alegrías intempestivas, dois pares a quibredo e a cuarteto no 5.º, que tiveram merito, e algumas faenas de muleta, certas, á mistura com outras erradas, como foi a do 8.º.

Nos simulacros da morte finchou, sahindo sahindo sempre pela cara, e no 5.º duas vezes foi pelo ar.

Dos bandarheiros hespanhoes, a mais da brega, ha a notar um excellenter par de Currinche, no ultimo; e dos nossos o quê?

— Um quibredo de rodillas, de Manuel dos Santos, no 8.º, um par do mesmo, no 7.º, em que emendou a viagem da direita para a esquerda, quando já tinha o terreno meio remoldo, e os dois pares de Thomaz da Rocha no mesmo touro, em que, verdade, verdade, houve sua tardança em concluir as sortes.

Esquecíamos mencionar uma boa sorte de gaiola de Cadete, no 8.º, e um par da frente (?) de Torres, no 3.º.

Emquanto aos forcados o seu papel nas corridas de touros urge que seja annullado de vez, porque o seu mister tal como o exercer, é indesejoso e dispõe mal o publico.

Ha a notar tambem a grande animação havida na corrida por parte do publico, que enchia totalmente todas as bancadas, onde se vendiam em abundancia os jornaes A Arena, Touroiro, Classico e Revista Taurina.

Durante a tarde vimos collocar 18 pares de bandarilhas e meos, á farpas e á ferro curto.

Tambem Chicuelo cravou tres simulacros de estocadas.

A corrida findou ás 6,35 da tarde, deixando boa impressão entre o publico.

A 6 de abril vimos a 2.ª corrida da epocha com touros do sr. Manuel Duarte de Oliveira, da Ribeira do Curtaxo, lidados por Fernando e Serra, a cavallo, e a pé por varios bandarheiros d'aqui, com o auxilio do matador sevillano Ricardo Torres (Bombita Chico) e su cuadrilla.

Como os touros sahiram maus, os esforços do Bombita I e dos restantes toureiros resultam improfficuos, tornam-se salubres, no entanto, este spada e Fernando de Oliveira, que é o mestre dos mestres no touroiro a cavallo.

Serra, diligente e activo, pouco conseguiu, e os peões portuguezes estiveram pessimamente, assim como os forcados, que mais dia menos dia, a continuarem assim, terão de ser eliminados das nossas corridas.

E. A. A.

CASA BAQUET

GONÇALVES JUNIOR

ALFAYATE

Confecções para senhoras

153—Rua de Santo Antonio—157

PORTO

COUPEUR—ANTONIO AMOBIM



GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

Medicos directores: J. Mauperrin Santos

J. Silvestre d'Almeida

Instalação hydrotherapica completa; duas salas de douches para homens e senhoras, inteiramente separadas e independentes; gabinete annexo d'electricidade e massagem. Massagem e gymnastica medica, dirigidas por C. de Sousa. Tratamento de doenças nervosas e do estomago.

Abertas das 8 às 12 da manhã e das 2 às 5 da tarde

ENTRADAS: CALVADA DO BUEIRO, 20

CALVADA DA GLORIA, 12 LISBOA



Cunha & Irmão

JOALHEIROS

Objectos de fino gosto

em ouro, joias e pratas

199, RUA AUREA, 201

LISBOA

LA UNION Y EL PENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 réis

18.000.000.000

De sinistro pago desde 1864 até 1895

PREMIOS E RESERVAS 5.932.000.000

Seguros contra incêndio, explosão

de gas ou raio

Equateur Atlantique & Union Maritima

Compagnias francezas contra os riscos maritimos

e fletas de transportes de qualquer natureza

Directores—Lima Mays & Filhos

LISBOA—Rua da Prata, 59, 2.º

BRASIL PORTUGAL

Alamanch Illustrado para 1903

Desde já se recebem annuncios para este almanach nos escriptorios do Brasil Portugal.

Rua de S. Roque, 125, 4.º—LISBOA



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.ª

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 152, 164 e 156—LISBOA

Prontissimas e com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as

atendimentos a boa qualidade, perfeição e modicidade de preço.



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

GUILHERME SILVA

Camisas, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Envoyas em todos os
generos

LONDON & PARIS.

119, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA



JOÃO FERREIRA
PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhau,

Superior ás emulsões oleosas,

Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notaveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 34300 réis; caixa de 12 frascos, 65200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias
e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edições da "Empresa Editora de Arthur da Silva", Rua dos Douradores, 72—Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL —«C. Cantu»—Desde a criação do mundo até á nossa epocha. Traduzida por Manoel Bernardes Branco, 13 volumes, in-4.º, gr. 2.ª, edição, com 5.950 pag. e 23 gravuras, br..... 9.000	HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRAZIL) —«Sebastião da Rocha Pinto»—Desde o anno de 1500 até o de 1754.—Revista e annotada por J. Gomes Goes, in-8.º grande, 2.ª edição de luto 435 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch..... 2.700
OS ULTIMOS TRINTA ANNOS , 1848 a 1878.—C. Cantu.—Versão pelo visconde de Castilho.—in-8.º, com 512 paginas e retrato do auctor, br..... 500	EM 1/4, encad. franceza..... 12.100
Em encad. inteira ou 1/4, inglesa..... 800	RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL —«Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Baal»—3 vol. in-4.º grande, com 1240 pag., edição de luto, com braço de armas no texto, br..... 13.000
NOVO DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA —«D. João M. A. G. de Lacerda»—Dictionario de synonymos; Vocabulario de lingua Brasileira, os Tupy—Vocabulario do dialecto Guarany, 3 vol. in-folio, 2.ª edição, com 2.450 pag. enc. int..... 12.000	O ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA —«D. Miguel de Cervantes Saavedra»—Versão do Visconde de Benalcanfor, 3 vol. in-8.º com 1121 pag., e 31 grav. broch..... 2.800
HISTORIA DAS PERSEGUIÇÕES POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade média até aos nossos dias—Versão do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., in-8.º, com 1245 pag. e 12 grav. br..... 12.000	Em 1/4, encad. franceza..... 2.800
Em 1/4, encad. franceza..... 12.000	OS SETE DIAS D'AFRICA —«Alfredo Sarmiento»—Apontamentos de viagem, in-8.º, com 251 pag. e 15 grav. e 1 mappa do Ambriz, br..... 800
	Em 1/4, encad. franceza..... 500

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRAGAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

BANCO DO MINHO

SÊDE EM BRAGA

Fundado no anno de 1864

Endereço telegraphico-MINHO

CAIXA FILIAL NO PORTO

Agencia em Lisboa—BANCO LISBOA & AÇORES

Effectua todas as operações bancarias

Correspondentes em todas as cidades, villas e logares importantes de Portugal, Hespanha, Italia, Londres, Paris, Hamburgo, Monteviden e Buenos-Ayres

AGENTES NO BRASIL

Rio de Janeiro—Sampaio Oliveira & C.^a, R. do General Camara, 13

S. Paulo—Garcia Nogueira & C.^a

Santos—Ferreira de Souza & C.^a

Bahia—Banco Commercial da Bahia

Pernambuco—Luiz Duprat

Rio Grande do Sul—Campos Moraes & C.^a

Pará—Banco do Pará.

SUB-AGENCIAS, EM LOCALIDADES

DE SECUNDARIA IMPORTANCIA

O TIRADENTES

Romance Historico Brasileiro em 2 volumes de 550 paginas cada um

PCB

JOSÉ AGOSTINHO



E' posto á venda, por estes dias, nas principaes livrarias do Brasil o 1.^o volume d'este grandioso romance historico, em que se descreve em traços frisan-tes, a conjuração mineira, destacando-se o immortal patriota Tiradentes. Romance baseado n'um plano tão amplo que, a proposito do grande movimento de Minas põe em foco a gestação da Revolução Franceza, approximando-se da grande figura de Voltaire os es-tudantes do Brazil que em França aqueceram ainda mais o seu ideal sagrado; e é fecundo em lances, em desenhos de nobres figuras como o Marquez de Pom-bal, Jefferson e outros e faz um descriptivo intenso da grande natureza americana. A acção historica é sem-pre amenisada, por uma forma viva, reservando para o fim de cada volume, as notas da respectiva docu-mentação muito solida e proficiente.

Livraria Editora de Antonio Figueirinhas—PORTO

WEADO

ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS E CIGARROS EN CARTEIRINHAS

WEADO

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2 % e commissão de 1/8 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 % a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



JOALHERIA, BIJOUTERIA, OURIVESARIA

REIS & FILHOS

O maior e melhor sortimento em

ARTE NOVA

Relojoaria

Objectos de Arte

Pratas

Rua de Santo Antonio, 239

PORTO

PRACA CARLOS ALBERTO, 33 A 38 A



Exportadores
para todos os Estados
do Brasil

Officinas montadas
com todos os utensílios
modernos

AGENCIA
EM
TODOS OS ESTADOS

TELEGRAMAS
PINTO MONTEIRO
Cais da Estação—591

101, RUA DO HOSPIÇO, 101

RIO DE JANEIRO

VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autênticos, quando tiverem nos rótulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO



Bilhaires de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pauços, Tacos, Bolas e todas as necessarias

Jogos diversos de novidade—Cartas.

Tentos e Fitas para todos os jogos

Viua de José Alexandre de Senna

48—Rua Nova do Almada—38

CASA FUNDADA EM 1866

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da boca, colapso de dentes e correção das deformidades nasais. Consultório de 1.ª ordem á
RUA DO CARMO, 35, 1.º (CHIADO)



CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA

SUAS MAJESTADES E ALTEZAS
CONSULTÓRIO
R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

HERMINIOS
GRANDES ARMAZENS

PRATO (Rua de St.º Antonio,
Rua 54 de Bandeira, 29)

Estabelecimento dentro do mesmo prédio.
Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congêneres do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensáveis

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alcerim, 111, 1.º — LISBOA

CHAPELARIA DA MODA

DE

JOÃO ALVES DA COSTA

32, Rua Garrett, 34 (Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets
para homem e creança, nacionais e estrangeiros,
em seda, feltro e palha.
chapéus CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinaes de MONDARIZ

JOSE SILVA & C.^A



Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA

DA EXPOSIÇÃO DO 4.º CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO

FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



Casa matriz — RIO



**Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
(de qualquer qualidade)**



**COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM**

Importação

de couros, e de
todos os artigos
para
selleiros, correeiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO